

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – CAMPUS BAIXADA SANTISTA:
INSTITUTO DE SAÚDE E SOCIEDADE**

MELISSA NABARRETTI MARITAN ABBONDANZA

A Terapia Ocupacional nas oficinas musicais em um grupo de idosos com
demências: uma abordagem fenomenológica

Santos
2019

MELISSA NABARRETTI MARITAN ABBONDANZA

A Terapia Ocupacional nas oficinas musicais em um grupo de idosos com
demências: uma abordagem fenomenológica

Trabalho de conclusão de curso
apresentada ao Instituto de Saúde e
Sociedade da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de
Graduanda em Terapia Ocupacional

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alberto
Taddeo Cipullo

Coorientadora: Prof^a. Dra. Emanuela
Bezerra Torres Mattos

Santos
2019

Agradecimentos

Gostaria primeiramente de agradecer a mim mesma que desde o início da graduação tive interesse em aprofundar no tema e colaborar na construção de espaços com música na atuação do(a) terapeuta ocupacional.

Agradeço por todos os dias que não estive bem, que estive na melhor, que não tive tempo e que não usei bem o tempo que eu tinha. Os dias que eu não queria sair da cama e acabava passando todo ele pesquisando deitada. Queria agradecer por todas as inconstâncias da vida que fizeram com que eu chegasse até aqui. Agradecer por ser mutável e ainda assim seguir firme e forte atrás dos meus objetivos.

Um agradecimento especial ao meu orientador e colega Marcos Cipullo, que sempre nas sutilezas da vida me percebia e me ajudava seja objetivamente na pesquisa ou me aconselhando e me acalmando nos momentos de turbulência. Agradeço a paciência, o apoio e principalmente a coragem de receber pela primeira vez uma orientanda de terapia ocupacional.

Agradeço profunda e imensamente todos os meus amigos. Cada puxão de orelha, vinho, música, pausas de uma hora, abraço e acolhimento serviram de semente pra esse projeto nascer e se tornar o que é. Agradeço em especial Pedro, Maria Beatriz, os moradores e amigos da minha república e minha família, que fizeram com que, através dos encontros da vida, eu respirasse aliviada por estar aqui.

Por fim, agradeço a todos que passaram na minha vida, seja num simples contato como um oi ou seja por anos vislumbrando minha inconstante evolução nesse planeta. Nada é por acaso e se estou aqui é porque passei pela vida de vocês e vocês passaram pela minha. Cada aprendizado, toque, olhar e sensação, moldaram o que sou hoje, então nada mais justo do que agradecer às intercorrências da vida e às pessoas que nela passaram trazendo ensinamentos e memórias.

Sumário

1. Introdução	5
2. Metodologia	9
2.1 Pesquisa Fenomenológica	14
3. Desenvolvimento	16
3.1 Perfil dos Idosos	16
3.2 Notas intensivas da pesquisadora	22
4. Resultados e Discussão	24
5. Considerações Finais	29
6. Referências	31
7. Anexos	35
7.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (versões cuidador e idoso)	35
7.2 Entrevista com o(a) cuidador(a)	42
7.3 História sonoro-musical	44
7.4 Mini Exame do Estado Mental	44
7.5 Diários de Campo	45

1. Introdução

Segundo Schneider e Irigaray (2008, p. 586), “o processo de envelhecimento é uma experiência heterogênea, vivida como uma experiência individual”, ou seja, é um processo que é muito complexo e que vai para além da idade cronológica como muitos definem. O envelhecimento, atualmente, vem sendo estudado como algo que depende diretamente da relação entre os aspectos cronológicos, biológicos, sociais e psicológicos, que variam de sujeito para sujeito de acordo com o contexto, história e cultura que perpassa a vida individual de cada um.

Ser idoso no Brasil é ter 60 anos ou mais. De acordo com o IBGE (2018) cerca de 9,22% da atual população brasileira possui 65 anos ou mais. Esse número passará a aumentar na medida em que os anos passem e em 2050 a estimativa é de que $\frac{1}{5}$ da população brasileira seja idosa.

Por meio de uma parceria realizada pelo Instituto de Longevidade Mongeral Aegon com a Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, foi desenvolvido um Índice de Desenvolvimento Urbano para Longevidade cujo objetivo era verificar as condições estabelecidas em cada cidade brasileira para atender às necessidades dos idosos. A cidade de Santos encontra-se em primeiro lugar como a melhor cidade brasileira para se viver na terceira idade², e isso se mostra na porcentagem de idosos santistas que já totalizava 19,2% de habitantes totais em 2010 (IBGE, 2010).

Porém, como se sabe, conforme a velhice vem chegando, algumas funções orgânicas que o sujeito tinha podem vir a se fragilizar ou inexistir, por conta de diversos mecanismos biológicos que passam a ser afetados com o avanço da idade. Nesse sentido, podemos considerar este envelhecimento como patológico, quando através do desenvolvimento de doenças e/ou perdas, o idoso passa a requerer diferentes tipos de cuidado que antes não eram necessários.

Dentre as doenças mais comuns na terceira idade, verificamos as de cunho cardiocirculatório como o acidente vascular encefálico, hipertensão e infarto; as doenças degenerativas como as demências e a osteoporose; as doenças pulmonares como enfisema e gripe; além de outras como o câncer e a diabetes (CARLOS; PEREIRA, 2015).

Dentre as doenças degenerativas, vemos as demências ocupando um espaço preocupante como uma das doenças que mais vem crescendo atualmente. Como divulgado no Relatório sobre a Doença de Alzheimer no Mundo (2009), cerca de 65,7 milhões de pessoas possuirão demência até o ano de 2030, número este que irá duplicar nos seus 20 anos seguintes chegando a aproximadamente 115 milhões de casos em 2050. Atualmente cerca de 50 milhões de pessoas vivem com algum tipo de doença demencial e cerca de 60 a 70% desses casos já diagnosticados são do tipo de demência mais comum, a Doença de Alzheimer (ONU, 2018).

A Doença de Alzheimer (DA) é considerada uma doença do envelhecimento, afinal costuma atingir pessoas com 60 anos ou mais. Porém, em raros casos, ela pode surgir antes dessa faixa etária e possuir um caráter mais agressivo e veloz. A DA leva a uma série de sintomas como o declínio da memória, do julgamento e do raciocínio intelectual, afetando principalmente a memória recente (diz respeito há algo que se aprendeu ou fez há pouco tempo), a memória operacional (que diz respeito ao guardar temporariamente uma informação), a capacidade de se orientar no tempo e espaço e também gera alterações de comportamento (exemplo: delírios, alucinações, agressividade, etc). Existem diversos outros sintomas e perdas que, assim como estes citados anteriormente, não ocorrem obrigatoriamente em todos os casos, apontando um caráter individual de como a doença se dá em cada pessoa que a possui (CAOVILLA; CANINEU, 2013).

A Doença de Alzheimer, de acordo com o Tratado de Geriatria e Gerontologia (2017), é dividida em três estágios: leve, moderado e grave, que são caracterizados por diferentes comprometimentos e prejuízos cognitivos.

- 1) O estágio leve é geralmente acompanhado por um déficit de memória que pode ser percebido através do esquecimento de datas, compromissos e fatos recentes, dificuldades na linguagem (esquecimento de palavras), prejuízos na aprendizagem de novas coisas, mudanças de humor e comportamento, entre outros.
- 2) O moderado é caracterizado por um avanço prejudicial nos sintomas anteriormente citados e também passa a incluir alterações visuoespaciais e visuonstrutivas, além de afasia e apraxia. É uma fase em que o idoso passa

a requerer auxílio para algumas Atividades de Vida Diária (AVDs), como no vestir-se, banhar-se, entre outras.

- 3) No estágio grave ou avançado, o idoso passa a apresentar alteração no julgamento e uma dependência quase ou inteiramente completa nas AVDs. Além disso a fala é fortemente comprometida, sendo difícil elaborar frases. Pode surgir incontinência urinária e fecal, perda da habilidade de sorrir e de se equilibrar (seja em pé ou sentado), entre outros agravantes.

Como se sabe, a Doença de Alzheimer não possui um marcador biológico, ou seja, não é possível detectar se alguém terá essa demência em algum momento da vida ou porque ela é causada. Existem fatores que são considerados de risco como baixa escolaridade, idade avançada, traumas cranioencefálicos, entre outros, porém estes não são necessariamente delimitadores para se ter a doença (CAOVILLA; CANINEU, 2013).

Sabe-se que há morte neuronal significativa nos lobos temporal e parietal, o que ocasiona uma diminuição da acetilcolina, neurotransmissor principal no controle da memória. Porém, além dessa diminuição de acetilcolina, existem diversos estudos que apontam outras variações bio-fisiológicas em decorrência da doença. Com isso, existe o tratamento farmacológico da doença, que é de cunho sintomático, pois interfere nos sintomas da doença e não na causa em si (CAOVILLA; CANINEU, 2013).

De acordo com Caovilla e Canineu (2013, p. 44), “Você não está sozinho... nós continuamos com você”:

Atualmente, tem-se como verdade científica que o mais racional e efetivo em relação à Doença de Alzheimer é a ação combinada entre o tratamento farmacológico e o não farmacológico, já havendo diversos estudos segmentares comprovando a melhoria dos resultados e a extensão dos benefícios.

Nesse sentido, vemos estudos que comprovam que diversas terapias alternativas auxiliam no retardo dos sintomas e perdas que atingem os idosos com Alzheimer, sendo algumas delas: acupuntura, música, estimulação cognitiva, exercício físico, entre outras, nas quais todas são citadas no estudo de revisão sistemática de Olazarán et al. (2010).

Dentre as terapias complementares, a música com enfoque no público idoso, está diretamente relacionada a “efeitos significativos nas esferas psicoemocionais, físicas e sociais repercutindo na melhora da autoestima e da sociabilização” (GOMES E AMARAL, 2012, p. 105). Também é responsável por trazer sensação de alegria ou tristeza, independência e saudosismo, na medida em que a música resgata alguma lembrança/momento já vivido.

Portanto, a música se mostra como uma importante ferramenta no tratamento de pessoas com Alzheimer, por estar diretamente relacionada à memória a partir do momento em que a mesma, quando conhecida pelo ouvinte/cantor, traz lembranças sensíveis e emocionais, podendo fazer o idoso reviver uma experimentação musical que ocorreu anos atrás. Também é importante por estar relacionada com a linguagem que, na demência, é uma das áreas progressivamente afetada conforme a doença avança. Segundo estudiosos, o ato de cantar se mostra como um ótimo recurso para reabilitar e manter a linguagem no indivíduo com demência, afinal este ato se dá através do exercício e estimulação da articulação verbal (NICOLAU, 2018). Além disso, como citado no estudo de Freitas e Silva (2015), a música possibilita um reviver da juventude, estimulando memórias passadas e trazendo a tona sensações e emoções ligadas ao saudosismo deste período da vida.

A atividade musical é ainda mais fortalecida quando feita em grupo, pois se relacionando com o outro, a pessoa com demência passa a criar um vínculo que pode ser muito importante para a mesma, afinal muitas vezes esta é isolada por conta das perdas que tem e acaba por ter as relações sociais enfraquecidas (NICOLAU, 2018). O grupo, portanto, se mostra como um ótimo dispositivo de geração de bem-estar, interação social e de diminuição dos sintomas como agitação e ansiedade que costumam acometer os idosos comprometidos cognitivamente (TAMPLIN et al., 2018).

Partindo do pressuposto que atividade terapêutica, dentro da terapia ocupacional, é vista como aquela que passa pelo processo de identificação do sujeito que a realiza e serve como um espaço de criar, produzir e transformar o mundo e o agir humano (SENA; BASTOS, 2008), a pesquisa utilizou a música como uma atividade terapêutica a fim de resgatar memórias, sensações e emoções, além de proporcionar relaxamento e interação. Também temos como perspectiva na

terapia ocupacional de que essa atividade deverá fazer sentido para o sujeito e para que isso ocorra, as músicas devem ser reflexo do repertório musical vivido por este (SEKI; GALHEIGO, 2010).

Com isso, o objetivo deste estudo é fomentar a pesquisa de cunho musical na área da terapia ocupacional, que ainda se apresenta muito escassa, e verificar os efeitos que as oficinas musicais geram em idosos com demência num contexto grupal.

2. Metodologia

Para se realizar o estudo foi formado um grupo o qual participaram seis idosos com demência, nos quais seus cuidadores frequentam o Grupo Mente Aberta, que ocorre na UNIFESP Baixada Santista na Unidade Ana Costa, às quartas-feiras à tarde. O Grupo Mente Aberta é um serviço coordenado pela Professora Dr^a Emanuela Mattos que tem por objetivo atender cuidadores de idosos com demência e outros comprometimentos cognitivos. A partir de uma abordagem focada no suporte, apoio e no auxílio para dúvidas e debates acerca do manejo diário de um idoso com demência, busca-se uma melhora na qualidade de vida dos cuidadores e posteriormente da relação destes com os idosos cuidados.

Os critérios de inclusão no estudo foram: ser idoso que apresente algum tipo de demência em qualquer estágio, cujo seu cuidador frequente o Grupo Mente Aberta, e que comprometa-se a fazer parte do estudo de forma voluntária, por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A escolha por idosos com demência, cujos cuidadores frequentam o Grupo Mente Aberta, foi feita por conta da necessidade desses cuidadores de terem alguém para auxiliá-los no cuidado quinzenalmente pelas quartas à tarde, por conta da dificuldade em deixar o idoso com demência sob os cuidados de outrem. Além disso, essa escolha possibilitou ao idoso comprometido, experiências musicais e grupais que agreguem sentimentos positivos e um momento de interação social diferenciado no seu cotidiano, sem contar que a música serve como um estímulo cognitivo que visa manter as funções cognitivas ainda preservadas.

Na primeira fase do estudo, foi aplicado o instrumento de avaliação Mini Exame do Estado Mental (MEEM) (BRUCKI et al., 2003) para rastrear o grau de

comprometimento cognitivo de cada idoso participante. Segundo Brucki et al. (2003), os valores de referência são dados de acordo com o nível de escolaridade do sujeito, sendo estes:

Escolaridade	Escore máximo
Analfabeto	20
1-4 anos	25
5-8 anos	26,5
9-11 anos	28
>11 anos	29

A partir desse resultado e da entrevista inicial com o cuidador foi possível avaliar seu grau de comprometimento cognitivo e consequentemente de autonomia e independência nas atividades diárias.

Independentemente do grau de comprometimento cognitivo do idoso, a música se mostra eficaz quanto à preservação de funções cognitivas ainda presentes; portanto, esperava-se resultados significativos quer esteja o idoso no estágio leve, moderado ou avançado da demência, como pode ser visto, por exemplo, no Documentário *Alive Inside* (2014). Em função disso, não foi delimitado previamente o grau de acometimento cognitivo do participante.

De posse desse dado, ao fim das oficinas, foi realizada a aplicação do mesmo instrumento novamente a fim de verificar o avanço ou não das perdas neurocognitivas. Também, ao início da pesquisa, foi feita uma anamnese musical com o intuito de resgatar músicas que foram e/ou são importantes e significativas na vida de cada idoso.

Da história sonoro-musical (FREGTMAN, 1986), vulgo anamnese musical, foram selecionadas algumas questões que fazem sentido para o trabalho e para o público da pesquisa. Sendo elas as de número 3, “De que sons ou música você gostava quando era criança?”, utilizada a fim de compreender como está preservada a memória musical e até que ponto, a de número 10 “Quais os seus gostos e

preferências musicais?”, utilizada para orientar o estilo de músicas a ser apreendidas nas oficinas, assim como as questões 11 “Escolha três peças musicais – ou canções – que mais o identifiquem” e a 15 “Quais são seus cantores preferidos (masculinos e femininos)”. Também foram feitas as questões de número 7, “Você teve alguma tipo de formação ou educação musical?”, a de número 12 “Qual o ambiente sonoro de sua casa atual?”, a 13 “Quando e por que e com quem você ouve música?”, a 14 “Você gostaria de tocar um instrumento? Qual e por quê?” e a 16 “Você gosta de cantar? Por quê? Com que frequência o faz?”, a fim de entender como a música está presente na vida de cada sujeito participante da pesquisa e com que frequência.

No geral as questões visaram resgatar músicas que foram ou são importantes na vida do idoso, além de verificar o quanto a música foi ou é significativa para este. E por conta disso, algumas perguntas foram deixadas de lado por não atenderem às demandas específicas do trabalho, verificando que se trata de um grupo de idosos com comprometimento de memória, ou seja, algumas questões eram muito complexas para serem respondidas por essa população e outras simplesmente não cabiam no objetivo do trabalho.

Algo previamente descrito no projeto que não foi realizado fora a criação de CDs com as músicas com as quais os idosos têm interesse. Isso não ocorreu por conta do pedido dos cuidadores que preferiram que as músicas fossem enviadas via *whatsapp*, por conta da maior facilidade de acessar.

O estudo foi realizado por meio de oficinas, pois segundo Teixeira (2012, p. 42):

A oficina extrapola o estudo da fundamentação teórica e potencializa os sujeitos nas suas capacidades emocionais, intelectuais, possibilitando a produção de bens culturais. Esse procedimento metodológico de trabalho é uma forma da realização do processo ensino - aprendizagem, privilegiando a interação dos sujeitos entre si e com o contexto, bem como, o exercício de habilidades: autonomia, flexibilidade, expressão oral, criatividade, relação inter e intrapessoal, trabalho em grupo, entre outras [...].

Também, quando se trata de oficinas com idosos, de acordo com Cardoso, Freitas e Tirado (2002) as oficinas possibilitam que os idosos

[...] partilharem suas experiências, contar suas histórias de vida e relatar e retomar atividades do seu passado ocupacional, viabilizando assim um maior conhecimento de cada indivíduo, uma revelação de habilidades e um incremento da criatividade e do entrosamento.

Foram realizadas oito oficinas ao todo sendo elas uma de escolha de músicas, seis de aprender a música e uma de ensaio e apresentação. O número de oficinas foi reduzido em relação ao do projeto inicial, que continha dez, por conta do pouco tempo para se realizar a parte prática do projeto, visto que o mesmo demorou muito mais tempo para ser aprovado do que foi imaginado. Enquanto no projeto teríamos cerca de cinco meses para realização das oficinas, com os atrasos, na prática tudo foi realizado em apenas dois meses.

Também não foram realizadas as oficinas de criação, que tinham como objetivo criar instrumentos para o dia da apresentação final. Estas não foram realizadas por conta do tempo, mas também pela falta de demanda dos idosos em aprender um novo instrumento, coisa que fora constatada a partir das anamneses musicais feitas anteriormente, na qual uma das perguntas tem enfoque no interesse de aprender ou não algum instrumento musical e se sim qual.

As oficinas foram realizadas em grupo na Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, Unidade Ana Costa. Aconteceram em dois laboratórios distintos que eram predestinados no dia do encontro, devido a ocupação ou não de um dos dois. Seis dos encontros ocorreram no laboratório de Atividades e Recursos Terapêuticos (ART) no 5º andar e os dois outros encontros ocorreram no laboratório de Atividades de Vida Diária (AVD) no 4º andar por conta do Grupo Mente Aberta estar utilizando o outro laboratório.

As oficinas musicais, ao longo do estudo, ocorreram seguindo um certo padrão, no qual os encontros tinham alguns direcionamentos para auxiliar no desenvolvimento da oficina. Foram ao todo oito oficinas, nas quais os encontros eram organizados sempre focando no aprendizado de uma nova música, visto que havíamos selecionado cinco músicas no primeiro encontro como grupo.

As letras da música eram entregues a cada idoso impressas numa folha sulfite, para que facilitasse no acompanhar da música com o violão. Então eu perguntava como os idosos estavam e em seguida começava a tocar a música da

semana. Treinávamos a música algumas vezes e conversávamos sobre diversos assuntos ao longo dos intervalos entre uma música e outra. Também tinha sempre o questionamento se essa música os fazia recordar algo e ao fim das oficinas cantávamos uma vez cada música que já havia sido apreendida.

Depois fazíamos um lanchinho, o qual já era combinado previamente, via *whatsapp*, o que cada um iria levar. Nesse momento eram feitos combinados para o próximo encontro e também era mais um momento de conversa, só que com os cuidadores presentes.

As duas últimas oficinas, não foram de aprendizagem, pois nos encontros anteriores conseguimos aprender todas as músicas. Então estas ficaram mais como um ensaio para a apresentação que foi o encerramento desse ciclo como grupo de idosos em oficinas musicais.

A duração das oficinas estava pré-estabelecida em torno de duas horas por encontro. Porém cada encontro se deu de uma forma, tendo alguns que duraram menos que este tempo determinado e outros que duraram mais.

As oficinas eram registradas por meio de diários de campo escritos pela pesquisadora após cada encontro, apontando como fora o decorrer do encontro, os aspectos notados e emoções e ações que a música proporcionava. Afinal, segundo Minayo (1993, p. 100) num diário de campo

[...] constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais

que de modo geral servem de subsídio para a construção da pesquisa qualitativa fenomenológica.

Com o término da realização prática da pesquisa (as oficinas), foi organizada uma apresentação, na qual todos os idosos, junto à pesquisadora, reproduziram as músicas aprendidas nas oficinas para um público formado pelos cuidadores, familiares e professores envolvidos no projeto.

No projeto inicial, ao fim de cada oficina, estava programado para que houvesse uma entrevista com os cuidadores, individualmente, para avaliar a

potência dos encontros no manejo diário do idoso. Porém essas entrevistas não foram realizadas, por conta de demandar mais tempo de projeto tanto na prática quanto na teoria, além de poder se tornar algo repetitivo. Mas ainda assim houve uma entrevista inicial para verificar dificuldades do manejo diário e ao longo dos encontros também foram surgindo conversas que serviram de feedback da produção que estava acontecendo.

Para representar os seis idosos participantes do grupo foram utilizados nomes fictícios a fim de preservar o sigilo ético na pesquisa em questão.

O projeto foi aprovado pelo comitê de ética através da Plataforma Brasil e possui o protocolo de aprovação número 03910918.0.0000.55053.

2.1 Pesquisa Fenomenológica

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa que visa conhecer e compreender a constituição da subjetividade como algo integral e não fragmentado, ou seja, que considera as experiências subjetivas como um resultado de todos os atravessamentos relacionais e contextuais dos sujeitos (HOLANDA, 2006), a análise dessa pesquisa foi feita a partir da visão fenomenológica que busca, segundo Moreira et al. (2005, p.109)

[...] o revelar do mundo vivido, antes mesmo de ser significado, mundo onde estamos, onde nos encontramos com o outro, onde se descortinam nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões.

Partindo do pressuposto de que subjetividade é algo abstrato ao sujeito e que também pode ser definido como a própria consciência (AMATUZZI, 2006), a pesquisa fenomenológica é focada no que os eventos pesquisados significam para os sujeitos investigados, sendo assim, uma forma de ter acesso ao mundo do sujeito (sua subjetividade) mais facilmente (MARTINS; BICUDO, 1989).

O número de idosos que compuseram o grupo, foi baixo por se tratar de uma pesquisa qualitativa na qual o que importa é o conteúdo dos relatos e da experiência, ao invés de focar num número alto como geralmente é feito nas pesquisas quantitativas. Além disso, o número pequeno fez com que a análise de dados, a partir da abordagem fenomenológica, fosse cuidadosa a fim de se atentar a

todas as significações, compreensões, emoções e relações que sejam construídas ao longo dos encontros. Também por se tratar de idosos com demência, os mesmos podem apresentar agitação, ansiedade e irritabilidade (FREITAS; PY, 2017), que acentuam-se na medida em que o idoso está em algum lugar muito movimentado, com pessoas estranhas, entre outros.

O número de intervenções, oito ao todo, foi programado com o intuito de se construir uma vivência musical rica e produtiva, além de trazer mais subsídios para a análise fenomenológica dos dados obtidos por meio das conversas e entrevistas. Sua duração média de 2 horas foi escolhida primeiramente por ser o tempo em que os cuidadores ficavam no Grupo Mente Aberta, mas também para que houvesse tempo de se realizar todas as etapas das oficinas com calma, havendo espaço para contribuições, emoções e até mesmo imprevistos.

A partir dos relatos em grupo e da observação da pesquisadora, a análise fenomenológica foi feita em partes. Primeiro a partir da imersão empática e na intersubjetividade entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, para que com cuidado e atenção à descrição, fossem compreendidas as visões e significações atribuídas pelo sujeito. Após, foram sintetizadas em partes as percepções individuais de cada sujeito da pesquisa (síntese ideográfica), a fim de se aproximar do objetivo do estudo, mas ainda considerando uma forma individualista de como as oficinas se deram. Em seguida foi feita uma generalização dos dados obtidos (fase nomotética), a fim de se agrupar as convergências e divergências entre os relatos e o que foi observado de todos os idosos do grupo, para que por fim, a estrutura obtida confirme, critique ou simplesmente exponha a experiência relatada de modo claro, para que se firme a proposta e os resultados da pesquisa (MARTINS; BICUDO, 1989).

A síntese ideográfica foi obtida a partir da análise dos diários, no qual em cada diário feito, foi utilizado marcadores de cores aleatórias para identificar as unidades de significado que foram surgindo, ou seja, as relações mais importantes proporcionadas através da música e do grupo. Com isso foi feita uma síntese de cada idoso, apontando além de suas características gerais, como idade e escolaridade, as reações, relações, sentimentos e comportamentos que surgiram ao longo das oficinas e que servem de subsídio para a análise fenomenológica.

Em seguida, passamos para a fase nomotética, que é o momento de generalização das informações obtidas, a partir dessa fase construíram-se categorias que auxiliaram no momento de articulação com a teoria a fim de compreender os fenômenos que surgiram. Durante esse procedimento foi possível elaborar dez categorias que dizem respeito sobre os significados psicológicos que se relacionam com o tema da pesquisa. Essas categorias foram denominadas de “memória musical”, “interação”, “emoções que a música proporcionava”, “memórias afetivas”, “comprometimentos cognitivos devido ao Alzheimer”, “pouca interação”, “intolerância/impaciência”, “encontro com a juventude”, “lembranças” e “percepções sobre a música”.

3. Desenvolvimento

3.1 Perfil dos idosos

Pelo grupo passaram seis pessoas, as quais duas permaneceram do começo ao fim, duas desistiram e duas entraram no meio do grupo (não acompanhando todo o processo de escolha de músicas, aprendizado e construção grupal). Apenas um dos idosos não se encaixava nos critérios de inclusão por não apresentar diagnóstico de demência, porém ainda assim se manteve no grupo por conta de gostar muito de música, ter anseio por aprender mais e para fazer companhia ao marido.

Dos dois idosos que permaneceram no grupo ao longo de toda sua construção, temos Roberto de setenta e dois anos, casado, católico e que estudou até o 5º ano do Ensino Fundamental (antiga 4ª série). Utiliza medicação para tratar o Alzheimer, que tem como diagnóstico há dois anos aproximadamente. No primeiro Mini Exame do Estado Mental (MEEM) o idoso realizou 15/30 pontos e no segundo 11/30 pontos. Já o outro idoso é o Sr. Alberto que tem setenta e três anos, é casado, espírita e cursou até o Ensino Médio. Atualmente utiliza a medicação Donepezila 10mg, Depakene e Quera LP para auxiliar no tratamento da Doença de Alzheimer, a qual o mesmo é diagnosticado há quatro anos. Realizou 23/30 pontos no primeiro MEEM e no segundo houve um aumento significativo para 28/30.

Dos dois idosos que desistiram, temos Sr. Antônio e Sra. Cristina. O primeiro desistiu por conta de questões emocionais, que segundo a sua esposa, o idoso anda

muito desanimado e sem vontade de sair de casa, excluindo o grupo como algo significativo ou que o mesmo tenha vontade de fazer. O idoso é casado e possui o Ensino médio completo, informações como religião e idade não foram averiguadas pela pesquisadora antes do mesmo se retirar do grupo. No MEEM, foi possível aplicar somente o pré oficinas, no qual o idoso acertou 22/30 pontos.

Já a Sra. Cristina desistiu do grupo por conta de muitos médicos e compromissos que foram surgindo concomitantemente ao projeto, dificultando a presença da mesma nos encontros. A idosa é casada com um senhor que também possui Alzheimer porém não teve interesse em participar das oficinas. É católica e também possui o ensino médio completo. No MEEM que foi aplicado somente antes das oficinas a Sra. acertou 5/30 questões, apresentando um alto nível de comprometimento cognitivo, o maior dentre as pessoas do grupo.

Já os dois idosos que entraram no meio do processo de oficinas, são o casal formado pelo Sr. José e Sra. Francisca, na qual a Sra. não possui diagnóstico algum de demência. O Sr. José possui 90 anos, é casado, católico e fez o ensino médio completo. Toma Escolon 10mg e possui o diagnóstico de Alzheimer há quase um ano. Já a Sra. Francisca possui 89 anos, é casada, católica e possui o ensino médio completo também. Não possui nenhuma demência diagnosticada e faz uso de medicação para hipotireoidismo. Com o casal, foi possível aplicar o MEEM apenas uma vez, ao fim das oficinas, afinal os dois entraram no meio do processo, dificultando a possibilidade de um comparativo entre antes e depois. Sr. José acertou 11/30 pontos, enquanto Sra. Francisca acertou 19/30 pontos.

A respeito do Sr. Roberto, na entrevista inicial conseguimos resgatar algumas coisas, como o fato da música nunca ter sido algo tão presente em sua vida, mas que o mesmo tinha uma fita cassete que de vez em quando pegava para ouvir algumas músicas. Desde o primeiro dia de encontro grupal, no dia de escolha das músicas, o idoso se mostrou ser uma pessoa mais quieta que não interage muito, porém é bem simpático e responde sempre quando a conversa lhe é direcionada. Em alguns momentos o idoso não responde exatamente o que lhe é perguntado e ficou uma indagação de se é por conta da demência essa confusão ou do problema auditivo que o senhor tem, que o faz utilizar aparelhos auditivos para facilitar a comunicação, porém que os mesmos não são 100% eficazes.

No primeiro encontro, o idoso chorou ao ouvir algumas das músicas, dizendo ter ficado emocionado ao ouvi-las novamente e que as músicas são muito bonitas. No começo o senhor mal interagiu com os outros, quando era exposta uma questão ao grupo por muitas vezes o mesmo não respondia ou somente concordava com o que os colegas respondiam. Porém com a música o idoso sempre interagiu muito bem, tentando acompanhá-la junto a letra, apesar de se atrapalhar um pouco no tempo da música, adiantando algumas vezes a letra em relação ao resto.

Já no terceiro encontro, que houve uma defasagem no número de participantes, indo somente dois além da pesquisadora, o idoso se soltou um pouco mais. Conversou mais e até chorou novamente dizendo que a música “Meu primeiro amor” tocou seu coração. Nesse encontro falamos bastante sobre igreja, e Sr. Roberto conseguiu deixar claro como para ele é muito importante participar das missas, grupos de oração e que o mesmo já participou até do coral, algo que na entrevista inicial não havia sido apontado. No quarto encontro, foi o primeiro que levei o pandeiro e desde o momento que Sr. Roberto o avistou ficou bastante animado. Começou acompanhando na perna enquanto eu tocava, mas daí em diante deixei o pandeiro nas mãos dele e o mesmo passou a tocá-lo em todos os encontros, teve até dois encontros que o mesmo levou o pandeiro para casa para treinar. Nesse encontro Sr. Roberto teve uma evolução significativa, interagiu mais com o grupo e se recordou de mais coisas do passado que envolviam ou não a música.

A partir do quinto encontro, o idoso passou a regredir um pouco no quesito de interação e começou a se mostrar cada vez mais confuso. Quando conversado um pouco de canto com o mesmo, o idoso disse que sua esposa anda muito doente e que isso tem lhe atrapalhado no dia-a-dia. E pela primeira vez o idoso pareceu um pouco impaciente, dizendo que precisava ir embora. Apesar dessa dificuldade em se concentrar, continuou tocando o pandeiro nas músicas que eram necessárias.

Nos outros encontros foi possível verificar a dificuldade do idoso de acompanhar as conversas, muitas vezes prestando atenção em outras coisas e não no que era dito, sem contar que os episódios de responder coisas diferentes do que lhe era perguntado foram aumentando. No último encontro apliquei novamente o MEEM no idoso e foi visível uma diferença de 4 pontos em relação ao anterior. Creio

que isso tenha acontecido por conta da desorganização da rotina do idoso visto que sua esposa está muito doente e já não realiza as mesmas coisas que antes, deixando o senhor mais atrapalhado e confuso. Porém apesar de tudo foi visível que os encontros trouxeram a ele uma nova identificação com a música, a partir do momento que o mesmo se conectou muito com o pandeiro.

Sobre o Sr. Alberto foi possível resgatar na entrevista inicial que a música sempre teve um espaço importante em sua vida, visto que participou de inúmeros corais por anos e até mesmo viajou para outros países para cantar, porém que ultimamente tem estado bastante distante da música.

No primeiro encontro, da escolha de músicas, o idoso participou bastante trazendo diversas músicas que gosta e também chorou ao ouvir algumas e se sentir saudoso de alguns momentos do passado.

No segundo encontro, o primeiro como oficina em si, pareceu um pouco desinteressado e entediado. Disse algumas vezes sobre o fato de eu estar desafinada, mas não se interessou muito em me ajudar a encontrar o tom certo. Mas apesar de não estar tão à vontade na primeira oficina, conseguiu contribuir com algumas lembranças e colocações a respeito da música em si. A partir da segunda oficina, começou a se soltar mais e interagir melhor, conversando bastante e cantando mais alto, demonstrando estar surgindo um maior interesse com o grupo.

Sempre conversávamos sobre corais, efetivando ainda mais a relação importante que este idoso tem com a música. Alberto em muitos dos encontros falava como não se fazem mais músicas como as de antigamente e que hoje em dia só existem músicas ruins. Sente falta dos bailinhos de época que sempre tocava as músicas que cantamos ao longo das oficinas. Comecei a receber um retorno positivo do idoso por volta do quarto encontro, no qual ao fim de cada oficina o mesmo agradecia e elogiava.

Uma coisa identificada nos últimos três encontros fora o fato da música “Detalhes” remeter ao idoso lembranças de um amor que teve e que até hoje deixa marcas importantes na sua vida. Alberto, no grupo, também sempre teve um papel de chamar os colegas para cantar mais alto e claro durante as músicas, tentando ajudar os colegas também a acompanhar a música corretamente.

De um modo geral foi possível constatar que Sr. Alberto é bem comunicativo e tem poucos comprometimentos cognitivos, precisou apenas se sentir à vontade com o grupo para começar a interagir com a música e com os colegas. Algo impressionante foi a diferença entre os dois mini exames, com o qual o segundo ele acertou 5 pontos a mais, demonstrando uma melhora em sua função cognitiva, algo que estranhei afinal na demência é muito difícil alguém recuperar as funções perdidas.

A respeito da idosa Cristina, na entrevista inicial conseguimos resgatar que a música é algo presente em sua vida, visto que sempre que se lembra pede para seus cuidadores colocar alguma e os próprios cuidadores colocam de vez em quando para a senhora cantar. A senhora é bem afinada e mostrou desde o primeiro encontro que conhece muitas músicas e que gosta de cantar.

Cristina tem um comprometimento cognitivo bem elevado, coisa esta que fora confirmada no Mini Exame do Estado Mental, afinal a idosa acertou apenas 5 das 30 questões. A idosa possui dificuldade de comunicar-se, pois quando começa uma frase, se perde rapidamente, não conseguindo concluir o que queria dizer. Porém quando começa a cantar não para mais, acerta todos os trechos da música sem ler a letra.

Na primeira oficina musical, a idosa ficou um pouco impaciente, dizia que não aguentava ficar muito tempo e que precisava ir embora. Também tentava contribuir com algumas falas mas não conseguia construir o pensamento, se enrolando e se perdendo. Na segunda oficina, a senhora não pôde comparecer e não justificou a falta.

Nos encontros seguintes foi possível notar que a idosa tem dificuldade em entender algumas coisas, como por exemplo a folha com a letra da música impressa que eu entregava a todos antes de cantarmos. Ficava o tempo todo questionando o que era aquilo e para que servia. Além disso, Cristina também se perdeu um pouco no tempo, visto que acha que mora em São Paulo ainda, sendo que está em São Vicente há anos.

A terceira oficina foi a última que a idosa foi e daí em diante parou de ir, sendo que as faltas eram justificadas por cima pelo seu cuidador que alegava ter muitos compromissos não tendo tempo para os encontros. Por conta disso, não

podemos fazer um comparativo com a idosa em relação a como ela chegou e saiu do grupo, afinal ela usufruiu apenas de metade das oficinas e também não pôde comparecer na apresentação final.

Já sobre o Sr. Antônio, foi possível resgatar na primeira oficina que a música nunca foi muito presente em sua vida, porém como a esposa gosta muito, faz parte de alguns momentos na vida deles.

Desde o encontro de escolha das músicas, foi perceptível que o idoso é mais quieto, porém, apesar disso, não tem dificuldade de interagir e de se comunicar. Na primeira oficina musical, o idoso contribuiu com algumas lembranças que a música “Trem das onze” trouxe, como por exemplo que o mesmo tinha por volta dos 15 anos quando ouvia essa música e por conta disso disse aos outros idosos que essa música não era da época dele e sim da dos colegas, demonstrando uma certa percepção distorcida sobre a idade que ele tem, pois tratou os outros idosos como se fossem bem mais velhos que ele. Sr. Antônio se deu bem com o Sr. Alberto, afinal os dois interagiram bastante entre si neste encontro.

Após este encontro, o idoso não mais compareceu às oficinas. Sua esposa explicara que Antônio anda muito desanimado e sem vontade de sair de casa, com isso se afastar do grupo era necessário e assim o fez, não podendo comparecer nem na apresentação final.

A respeito da idosa Francisca, não obtive dados iniciais sobre a idosa, visto que a mesma entrou no quarto encontro de oficina, assim como seu marido, Sr. José. Mas algo que surgiu bastante ao longo dos encontros com os quais a mesma esteve presente, fora o fato de ela se achar muito desafinada e que de um certo modo esperava que o encontro fosse sobre aprender a cantar afinado, mas com algumas explicações sobre o fiel objetivo da pesquisa, a senhora foi entendendo melhor o motivo de estar lá. Sempre dávamos algumas dicas para ela de como se tornar mais afinada, mas a mesma ainda assim reclamava bastante e se sentia frustrada por não cantar tão afinada quanto os colegas.

Francisca desde o primeiro encontro que esteve presente, interagiu muito bem com os colegas, combinando até de ir conhecer a casa de um dos idosos. A senhora é a única no grupo sem diagnóstico de demência, porém, por conta da

idade, é perceptível que a senhora esquece algumas coisas e fica um pouco repetitiva em alguns momentos.

Ao longo dos encontros foi possível resgatar que quando jovem a idosa participou do coral da escola e que depois disso nunca mais se envolveu dessa forma com a música. No Mini Exame do Estado Mental a idosa acertou 19 dos 30 pontos, conferindo um leve comprometimento cognitivo, mas que quando conversado com sua filha, não afeta nas atividades diárias.

Sobre o Sr. José, também não foi possível obter dados iniciais do mesmo, visto que ele entrou junto com a esposa na quarta oficina. Mas ao longo dos encontros tornou-se notável a importância da música na vida do mesmo, afinal ele acompanhava todas as músicas corretamente, sugeria algumas e chegou até a dançar, demonstrando uma ótima memória musical.

Falou algumas vezes sobre ser boêmio e passar noites em bares e bailes dançando. Canta bastante afinado, algo que trouxe a indagação se a esposa se sente tão desafinada por conta do desempenho do marido, mas isso acabou não sendo explorado. O idoso também não era muito de interagir, mas era simpático e respondia sempre que lhe era direcionado. Assim como o Sr. Roberto, José tem uma certa dificuldade de acompanhar a música no seu tempo certo, atropelando um pouco o ritmo. Na aplicação do MEEM, o senhor acertou 11 das 30 questões apontando um moderado nível de comprometimento cognitivo.

3.2 Notas intensivas da pesquisadora

O processo de construção grupal, foi algo coletivo que se deu desde o início do projeto. Visto que não nos conhecíamos, foi uma oportunidade de experienciar junto e evoluir junto, seja nos aspectos de interação quanto nos de combinados e manejos para a realização de todos os encontros.

Os dois primeiros encontros, foram, de certo modo, mais angustiantes, afinal eu ainda não conhecia muito bem o perfil de cada idoso e cuidador, ficando um pouco tensa para possíveis surpresas que poderiam ocorrer. Porém após esses contatos iniciais, sinto que fui pegando o jeito. Passei a seguir uma linha de raciocínio, de coisas que deveriam ter obrigatoriamente em cada oficina, de atenção ao meu olhar e escuta, sempre chamando quem não estava interagindo tanto para

fazer parte das conversas, sempre trazendo todos para focar na música e nas lembranças que ela pode trazer, enfim, creio que conforme o grupo mais foi se entrosando, no sentido dos idosos se sentirem mais confortáveis para responder e trazer questões, mais eu fui reconhecendo, adaptando e melhorando meu papel no grupo.

Foi muito bonito de ver como cada lembrança que vinha a tona era algo a se comemorar, considerando que alguns dos idosos tem dificuldade até mesmo de se comunicar e com a música conseguem encontrar subsídios para ativar a cognição e alguns tipos de memória, sejam afetuosas, temporais ou episódicas da vida de cada um. Também é muito legal ver como todos se disponibilizam para ouvir o outro, mesmo que este outro já não consiga mais elaborar frases do início ao fim, ou se esse outro fala mais baixo ou é mais tímido, sempre havia uma entrega, um respeito ao momento do próximo.

Em alguns momentos bateu um certo medo de ter que mudar um pouco o método da pesquisa, visto que alguns idosos desistiram e por alguns encontros o grupo ficou configurado com apenas dois idosos e eu. Mas com a chegada de novos integrantes, fiquei mais aliviada, vendo que independente do número de pessoas envolvidas, a construção grupal estava acontecendo e os idosos se sentiam cada vez mais pertencentes àquele grupo e às oficinas.

Como futura terapeuta ocupacional fico feliz de ver como esse processo com a música tem os auxiliado bastante principalmente no quesito de comunicação. O retorno dos familiares também foi muito importante, no qual todos disseram ter sido muito potencial todo esse processo e até mesmo pediram para que eu continuasse com o mesmo remuneradamente assim que eu me formar, me dando uma luz para meu futuro que ainda está muito incerto. Essa luz tem me deixado bem contente, pois tem mostrado que apesar da pouca idade e até mesmo da pouca construção que a TO tem na música, eu consegui fazer uma diferença importante e significativa na vida dos idosos e cuidadores que passaram pelo grupo. É algo tão gratificante que preço nenhum paga.

A construção foi para além de algo profissional, para algo muito mais pessoal. Me senti realizada de ter conseguido, apesar das correrias da vida, ainda mais no último ano da graduação, realizar meu sonho de pesquisa de uma forma leve e

efetiva, me sentindo contemplada em todos os sentidos. O carinho e vínculo criado por nós é algo que levarei por toda a vida e espero muito mesmo conseguir ter a oportunidade de continuar construindo com esse grupo e com outros que possam surgir na minha atuação profissional.

4. Resultados e Discussão

Tal qual anteriormente dito no item 2.1, foram feitas categorias após a análise dos encontros e diários a fim de nortear os resultados possíveis de se concluir com o estudo, baseando-se na teoria pré-existente.

Segundo Seki e Galheigo (2010, p.278)

[...] mesmo quando a demência é muito severa, aspectos de sua personalidade podem sobreviver, em especial a resposta à música. Esta pode atingir e estimular esse self sobrevivente, as emoções, as faculdades cognitivas, os pensamentos e as memórias.

Este trecho traz subsídio para explicar como é o cognitivo de alguns dos idosos que participaram da pesquisa.

Como apontado nos diários, principalmente a respeito da Sra. Cristina, é visível o quanto o processo de degeneração cognitiva proveniente da demência lhe traz dificuldades em atividades de socialização, afinal sua comunicação é muito falha, não conseguindo concluir nenhum pensamento sem antes se perder ou se confundir, dificultando as vivências e relações com outrem. Porém quando se trata de **memória musical**, uma das categorias levantadas no estudo, todas as músicas que a idosa já conhecia e teve em seu repertório de vida são lembradas pela mesma do início ao fim, com pouquíssimos ou nenhum erro na letra. É notável como a memória musical é algo que a idosa ainda não teve prejuízo e que até mesmo a ajuda se organizar e se comunicar melhor, como no dia em que cantamos “A voz do morro” pela primeira vez e no momento de conversa a idosa conseguiu se expressar tanto com sorriso quanto com a linguagem verbal dizendo que adora samba e carnaval e que esse tipo de música alegra a todos, colocações estas bem difíceis de serem feitas pela idosa num contexto habitual sem a utilização da música.

O processo de demência acarreta diversos comprometimentos que vão para além da esfera biológica de diminuir a cognição para um âmbito maior: passa a interferir em todas as relações sociais, econômicas e psicológicas do sujeito, diminuindo sua capacidade de interagir com outras pessoas, ainda mais a partir do momento que o idoso não frequenta mais os lugares de sempre ou não sai mais sozinho. Isso é ressaltado por Tamplin et al. (2018) “Os sintomas associados à demência, como comprometimentos de linguagem e memória, juntamente com o estigma da demência, podem levar a evitar atividades previamente significativas e o afastamento social.”

No grupo, foi notado que houve uma construção de vínculos muito importantes entre os idosos com demência, seus respectivos cuidadores e eu, ou seja, uma nova construção de interações na vida de todos que participaram. Devido a isso uma das categorias levantadas foi **“interação”** que pode ser elucidada em diversos trechos dos diários como “Sr. Alberto e Sra. Francisca não pararam mais de conversar. Falaram sobre pintura, algo que era muito importante na vida da senhora mas que a mesma não realiza mais por conta da baixa visão e relembrou a mãe de Sr. Alberto que era uma pintora nata e pintava de tudo (panos, telas, porcelana, entre outros). Sr. Alberto convidou Francisca para ir até sua casa ver as obras de sua mãe”, “(...)chegando lá Sr. Alberto e Sr. Roberto já estavam com seus respectivos cuidadores conversando entre si” e “Conversamos e cantamos ao longo do lanchinho, afinal a caixinha de som seguia tocando algumas músicas “de época”. Consegui ver que todos reunidos lá se sentiam participantes do grupo e essa relação de pertencimento para mim não tem preço”.

A música auxilia na expressão de emoções, como já verificado nos estudos de Seki e Galheigo (2010). No projeto, durante as oficinas musicais, foi possível verificar diversos tipos de emoções que a música proporcionou nos idosos, como chorar, rir, sorrir, se sentir alegre e com saudades. Essas emoções foram determinantes para alguns dos resultados da pesquisa, sendo assim escalada como uma categoria da pesquisa **“emoções que a música proporcionava”**. A música se mostra como potencializadora na expressão dos sentimentos e das emoções, visto que por conta dos comprometimentos cognitivos, muitos idosos têm dificuldade de demonstrar e falar sobre o que estão sentindo.

Na conversa inicial, em que buscava saber como todos estavam naquele dia e como passaram a semana, as respostas sempre giravam em torno de estar bem e a semana “foi boa”, nunca sendo aprofundadas questões positivas ou negativas que têm perpassado a vida de cada um. Conforme íamos interagindo com a música, esses apontamentos iam surgindo e questões pessoais, familiares e de outras instâncias apareciam e passavam a fazer parte da construção e da conversa grupal.

Com a utilização da música nas oficinas, uma importante questão que foi surgindo no grupo, foram as lembranças e memórias afetivas que ao ouvir a música são ativadas nos idosos. Foxglove (1999 apud SEKI; GALHEIGO, 2010, p. 279) diz que

A música possibilita o estímulo à memória afetiva, podendo proporcionar um ambiente seguro para a retomada de sentimentos e lembranças do passado, para a sensação de alívio, de conclusão e de renovação [...]

Exemplos de como isso se deu está no trecho de um dos diários que diz “a música “Detalhes” lhe lembra de uma ex namorada que gostou muito”, que se refere ao idoso Alberto que sempre que cantávamos essa música, se lembrava desse antigo amor com muita saudade. Essas memórias afetivas ressaltam ainda mais como a música faz um resgate de emoções e relações ligadas a momentos vividos pela pessoa que ouve a música, e que isso no processo de demência é algo muito importante, visto que com os prejuízos cognitivos muitas memórias caem no esquecimento. Por conta disso “**memórias afetivas**” e “**lembranças**” também foram duas categorias levantadas no processo de análise fenomenológica do estudo.

Uma categoria identificada foi a de “**comprometimentos cognitivos devido ao Alzheimer**” que são comprometimentos que influenciaram diretamente no decorrer dos encontros e, principalmente, influenciam nas relações e atividades diárias dos idosos. No Tratado de Geriatria e Gerontologia (2017) são citados aspectos que vão sendo originados em alguns casos, tendo em vista que a doença se dá de diferentes formas em cada sujeito que a possui, conforme a doença vai progredindo. Um desses aspectos é a dificuldade na linguagem, que no caso de Sra. Cristinha, por exemplo, já atinge a questão de acesso léxico, na qual a idosa muitas

vezes esquece qual palavra usar ou não acessa um conteúdo léxico suficiente para formar alguma frase. Além disso, quando as letras de música eram entregues para ela, a idosa não conseguia ler o que estava escrito, sempre cantando o que ainda se resguarda em sua memória musical.

Outro aspecto citado no Tratado de Geriatria e Gerontologia (2017) é a desorientação têmporo-espacial que pode acometer as pessoas com demência. Isso tornou-se perceptível em algumas conversas e até mesmo na aplicação do Mini Exame do Estado Mental, quando algum dos idosos achava que estava em outra cidade ou não faziam ideia de que dia da semana era.

Algo interessante que ocorreu uma vez foi quando um dos idosos, Sr. Antônio, colocou ao grupo que a música “Trem das onze” “é da época de vocês” denotando um certo sentido de que ele é bem mais novo que os demais colegas, enquanto na verdade a maioria possui idade próxima. É um pouco reducionista interpretar essa afirmação como sendo um único comprometimento cognitivo, enquanto este é uma junção de perdas que a doença gera. Pode ser compreendido tanto como desorientação têmporo-espacial, como confusão, como perda da memória episódica ou recente, entre outros.

A perda de concentração e a desatenção também perpassaram alguns momentos das oficinas, como por exemplo neste trecho retirado de um dos diários que relata que “(...) a senhora também perdia o foco constantemente, parando de cantar com o grupo para se levantar ou para falar sobre alguma coisa que por muitas vezes não conseguia elaborar a ideia por conta da confusão intensa que a permeia.” Esses dois prejuízos cognitivos levam a outras questões como por exemplo a confusão e desorganização, que em diversos momentos aconteceram nas oficinas quando algum idoso não entendia algum comando ou se confundia no tempo da música ou quando algum dos participantes não conseguia compreender o que estava sendo dito, mudando o foco da conversa ou não interagindo com o grupo.

Apesar de toda a construção e todos os momentos de interação e criação de vínculos que ocorreram, também houve momentos de **pouca interação** e de **intolerância/impaciência**, que são outras duas categorias da pesquisa. Por conta de sintomas como ansiedade, que segundo Caovilla e Canineu (2013) podem acometer os idosos com demência desde o estágio leve da doença, a pessoa com

demência passa a não tolerar ficar muito tempo num mesmo espaço e isso aconteceu em dois momentos distintos no grupo. Um deles foi com Sra. Cristina e o outro com Sr. Roberto, como relatado nos diários de campo.

Outra categoria identificada foi a de **“percepções sobre a música”** que diz respeito de como os idosos percebem a música, seja em sua estrutura, se está sendo bem reproduzida, sem erros e afins, ou seja em sua essência, como esta música se expressa na subjetividade de cada um.

Na primeira oficina, um dos idosos disse que eu estava desafinada, mostrando uma percepção auditiva aguçada, ainda mais se tratando de um idoso que participou de grupos de coral por anos. Essa percepção me auxiliou a tentar encaixar melhor o tom da minha voz com o tom da música, algo que se mostra bem importante para auxiliar os idosos no acompanhar da melodia. Outras percepções sobre as músicas que surgiram e estão constatadas nos diários, referem-se ao fato de eles acharem que algumas músicas são poéticas, enquanto também há uma tonalidade afetiva nas canções reconhecida e/ou associada pelos participantes. A partir disso, emoções como alegria, saudade e tristeza foram surgindo no grupo.

O **“encontro com a juventude”** também foi uma categoria que surgiu pois traz uma reflexão de que todos os participantes e quase todos os cuidadores, exceto dois deles, são idosos e eu sou jovem ainda. Como relatado na pesquisa de Freitas e Silva (2015), a música traz a tona o saudosismo da juventude, inclusive de romances antigos e outras experiências que podem ser revividas com o uso desta. Tenho apenas vinte anos, enquanto tinham idosos de noventa no grupo. Devido a isso, algo que foi possível perceber é a relação que eles criaram comigo, visto que a todo momento eles ressaltavam que eu era jovem, denotando um certo ar de saudosismo que se expressava de maneira singular em cada idoso. Eu era frequentemente elogiada, porém com apelidos carinhosos, como se fosse uma neta. O fato de ser jovem parecia propiciar no grupo um reencontro com a juventude que um dia tiveram.

As músicas escolhidas fizeram parte da época em que eles eram jovens, e estavam sendo reproduzidas por uma mulher jovem. A reflexão que se evidencia é o quanto isso pode influenciar na construção dos afetos do grupo e principalmente dos vínculos criados entre todos. Afinal já se é constatado que a música aflora memórias

afetivas e neste público traz lembranças importantes a respeito da juventude de cada um, mostrando que esta é potencializadora na reaproximação com o passado, mas ao mesmo tempo o fato de eu ser jovem também pode ter sido gerador de importantes reflexões e de como o grupo se deu num todo.

A construção do grupo foi acontecendo a partir da geração de vínculos; afinal nos dois primeiros encontros, houve pouca conversa, poucas colocações, e conseqüentemente, pouca interação entre os envolvidos. Mas, conforme cada um individualmente foi estabelecendo relações com os demais, o envolvimento foi se tornando crescente.

Algo que pode ter sido um grande potencializador das conversas e dessa evolução como grupo, foi o lanchinho que era feito com todos os idosos, cuidadores e eu, ao fim de todas as oficinas musicais. Nesse lanchinho surgiam todos os tipos de conversas, seja sobre a Doença de Alzheimer, sobre cervejas, sobre o que melhorar na estrutura das oficinas, enfim, diálogos que possibilitaram a aproximação dos integrantes do grupo e auxiliaram na construção dos encontros como um todo.

É importante ressaltar também como o surgimento do pandeiro fez uma grande diferença no grupo. No dia em que o pandeiro foi apresentado, surgiram diversas expressões de alegria e até mesmo de surpresa, sem contar as colocações que foram sendo expostas. Além disso, esse instrumento foi um grande potencializador na participação específica de um dos integrantes, Sr. Roberto, que desde que viu o pandeiro, viu um papel próprio importante para o grupo. De um modo geral a aproximação com o pandeiro fez o idoso interagir mais com os colegas, mas, principalmente, com a música. O uso do pandeiro na vida do idoso fez com que o mesmo melhorasse suas relações, como por exemplo a partir dos elogios que iam surgindo a respeito de sua habilidade com tal instrumento, que levavam a maiores conversas, aumentando o espaço de fala e interação de Roberto com os demais.

O modelo de oficinas com idosos se mostra eficaz no compartilhar de experiências e na retomada de atividades que antigamente faziam parte do repertório de cada idoso, contribuindo para o autoconhecimento e também para a promoção de potencialidades, como verificado no estudo de Cardoso, Freitas e Tirado (2002).

De um modo geral, as intervenções feitas a partir do modelo de oficinas grupais com a utilização da música em idosos com demência, promoveu uma construção de encontros com o passado e o presente, resgatando momentos vividos e lembranças da época em que a música esteve mais presente na vida de cada um e com isso, favoreceu os encontros no presente, a partir do surgimento dos vínculos e relações que foram se estabelecendo a partir dos diálogos, combinados, aprendizados, ensinamentos e trocas mútuas favorecidas com o uso da música e com a abertura de cada um envolvido, criando um espaço de pertencimento e potência grupal.

5. Considerações Finais

A partir desse estudo foi possível obter alcances significativos da relação entre a terapia ocupacional, oficinas musicais e idosos com demência. Aspectos importantes da construção grupal foram observados, como a interação social e criação de vínculos, que foram surgindo ao longo dos encontros. Dado que muitos dos idosos participantes já possuem uma rede social fragilizada, o grupo promoveu uma sensação e relacional e de pertencimento importantes, que eram ainda mais fortalecidas com a presença de músicas do repertório de vida deles.

Com relação à cognição e mais especificamente às memórias, a música foi capaz de auxiliar os idosos quanto às lembranças, sejam estas envolvendo ou não a música, trazendo à tona memórias da juventude ou de acontecimentos recentes como a ida à uma consulta médica. Além disso, por se tratarem de músicas da época em que estes idosos eram jovens, os encontros possibilitaram um reencontro com a adolescência e o início da fase adulta destes, ainda mais tendo em vista que a pesquisadora é uma pessoa jovem, contribuindo para as lembranças, as emoções e formas de se expressar virem à tona.

Outro apontamento é em relação a apatia que acomete muitos dos idosos com demência tornando inexistente ou quase a expressão de sentimentos e sensações, seja verbalizada ou apenas fisicamente. Durante as oficinas e a construção da pesquisa diversas emoções foram expressadas seja em forma de choro, gargalhada ou dizendo como estava se sentindo em relação a música e ao momento grupal. Isso demonstra mais uma vez como a música ativa importantes

funções cognitivas que são apagadas ou esquecidas pelo processo de degeneração promovido pela demência e de fato essas funções estão relacionadas com a capacidade de interagir e se relacionar com o próximo, a partir do momento que as conversas fluem melhor após a utilização da música como recurso na oficina.

Foi possível observar como a memória musical fica praticamente intacta independente do nível de comprometimento cognitivo do idoso. Em diversos momentos, sem necessidade da letra impressa, os idosos acompanhavam a melodia de maneira correta, apesar de às vezes atropelar um pouco o ritmo. Isso mostra mais uma vez como a música se liga em diversas áreas do cérebro ativando funções como comunicação, ritmo, memória, emoções, entre outras diversas, que se perdem com o avanço da demência, e que podem ser estabilizadas com uso constante da música.

Houve ao longo da pesquisa alguns fatores que limitaram o decorrer de alguns processos, como o curto período de tempo destinado para as oficinas, tornando o tempo de contato entre as pessoas limitado a apenas dois meses e meio, enquanto numa futura pesquisa poderia ser melhor elaborado esse tempo para também obter melhores resultados, sendo alguns até de médio e longo prazo. Também a indisponibilidade de alguns idosos que foi surgindo e que acarretava em uma certa descontinuidade no cuidado e na construção do processo de oficinas tanto individualmente quanto coletivamente.

Como conclusão trago também um chamamento para a Terapia Ocupacional no contexto de oficinas musicais como recurso de reabilitação, manutenção, preservação e promoção de saúde no cuidado de seus pacientes. Ainda há uma necessidade importante de se firmar o conhecimento da Terapia Ocupacional em construção de grupos e oficinas, além do olhar apurado voltado para as questões cotidianas, atrelados à música, visto que esta é uma importante ferramenta de ativação cerebral que acarreta em diversas funções sociais, físicas e mentais importantíssimas para a autonomia e construção de redes do sujeito.

De um modo geral é possível concluir que as oficinas musicais com um grupo de idosos com demência é uma importante ferramenta na manutenção das funções cotidianas do sujeito com comprometimento cognitivo, visto que contribui diretamente na interação social, comunicação, construção de vínculos, expressão de

emoções e sentimentos, memória, entre diversas outras funções importantes para a promoção de bem estar e qualidade de vida em cada um.

6. Referências

ALIVE INSIDE. Documentário. Direção e produção: Michael Rossato-Bennett. Produção executiva: Michael Rossato-Bennett e Dan Cogan, 2014. E.U.A. Disponível em DVD e apresentado no Brasil pela NETFLIX. duração: 1h 18min.

AMATUZZI, Mauro M. **A subjetividade e sua pesquisa**. Memorandum 10, 2006; p. 93-97.

BARBOSA, Adoniran. **Trem das onze**. São Paulo: 1964.

BRUCKI S.M, et al. **Sugestões para o Uso do MiniExame do Estado Mental no Brasil**. Arq Neuropsiquiatr, 2003. P. 777-781.

CAOVILLA, Vera P.; CANINEU, Paulo. **Você não está sozinho... nós continuamos com você**. São Paulo: Novo Século, 2013. P. 33-45.

CARDOSO, A. P.; FREITAS, L. C. TIRADO, M. G. A. **Oficina de som e movimento: um espaço de intervenção terapêutica ocupacional**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, 2002; v. 13, n. 2,p. 51-5.

CARLOS, Fernanda S. A.; PEREIRA, Fábio R. A. **Principais doenças crônicas acometidas em idosos**. Anais cieh, 2015; v. 2, n. 1.

CARLOS, Roberto. **Detalhes**. Columbia: 1971.

FOXGLOVE, T. **Music therapy for people with life-limiting illness**. Nurs. Times, 1999; v.95, n.18, p.52-4.

FREGTMAN, Carlos D. **O Tao da música**. Editora Pensamento, 1989.

FREITAS, Elizabete V. De; PY, Ligia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4 ed. Rio de Janeiro: EDITORA GUANABARA KOOGAN LTDA, 2017.

FREITAS, M. S. G. D; SILVA, S. F. D. **A música toca o idoso**. Revista Extendere, 2015; v. 3, n. 2, p. 43-51.

GOMES, Lorena; AMARAL, Juliana B. do. **Os efeitos da utilização da música para os idosos: revisão sistemática**. Revista enfermagem contemporânea: Salvador, 2012. P. 103-117.

HOLANDA, Adriano. **Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica**. Análise Psicológica, 2006; p. 363-372.

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **CENSO: Universo - Indicadores Sociais Municipais**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/santos/pesquisa/23/25124?detalhes=true>>. Acesso em: 17 set. 2018.

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO URBANO PARA LONGEVIDADE – INSTITUTO DE LONGEVIDADE MONGERAL AEGON/FGV -- 01 . **Sobre o IDL**. Disponível em: <<https://idl.institutomongeralaegon.org/sobre-o-idl>>. Acesso em: 17 set. 2018. /

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO URBANO PARA LONGEVIDADE – INSTITUTO DE LONGEVIDADE MONGERAL AEGON/FGV -- 02 . **A melhor cidade para se viver com 60+: parabéns!**. Disponível em: <<https://institutomongeralaegon.org/saude-e-bem-estar/cidades/melhor-cidade-para-se-viver-com-60-parabens>>. Acesso em: 17 set. 2018.

KÉTI, Zé. **A voz do morro**. Rio de Janeiro: 1955.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos**. Editora Moraes, 1989; p. 91-110.

MINAYO, Maria C. de S. **O Desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993; 2ª ed.

MOREIRA, Wagner W.; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline. **Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. 2005; p. 107-114.

NICOLAU, Maria G. **Quem canta seus males espanta: a importância de cantar com a pessoa com demência**. *Alzheimer Portugal*, 2018; n. 69, p. 06-07.

OLAZARÁN, Javier. et al. **Nonpharmacological therapies in alzheimer's disease: a systematic review of efficacy**. *Dementia and geriatric cognitive disorders*, 2010; p. 161-178.

ONUBR NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Oms: número de pessoas afetadas por demência triplicará no mundo até 2050**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-numero-de-pessoas-afetadas-por-demencia-triplicara-no-mundo-ate-2050/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

PIXINGUINHA; BRAGUINHA. **Carinhoso**. Rio de Janeiro: 1929.

RELATÓRIO sobre a Doença de Alzheimer no Mundo: Resumo executivo. Alzheimer's Disease International, 2009. Disponível em: <http://saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/profissional-da-saude/grupo-tecnico-de-acoes-estrategicas-gtae/saude-da-pessoa-idosa/documentos-tecnicos/relatorio_sobre_a_doenca_de_alzheimer_no_mundo_-_2009.pdf> Acesso em: 17 set. 2018.

SEKI, Natalie H.; GALHEIGO, Sandra M. **O uso da música nos cuidados paliativos: humanizando o cuidado e facilitando o adeus.** Interface - comunicação, saúde, educação. São Paulo, 2010; v. 14, n. 33, p. 273-284.

SENA, Claudia P. S. de.; BASTOS, Patrícia M. **Terapia ocupacional: Metodologia e Prática.** Editora Rubio Ltda. Rio de Janeiro, 2008; p. 125-127.

SCHNEIDER, Rodolfo H.; IRIGARAY, Tatiana Q. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais.** Estudos de psicologia. Campinas, 2008; p. 585-593.

TAMPLIN, Jeanette. et al. **Remini-sing: a feasibility study of therapeutic group singing to support relationship quality and wellbeing for community-dwelling people living with dementia and their family caregivers.** Frontiers in medicine, Melbourne, 2018; v. 5, p. 01-09.

TEIXEIRA, Elisabete de. B. G. **Importância das oficinas.** Lisboa, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Escola Superior de Educação Almeida Garrett: Departamento de Ciências da Educação, p.42.

TIMÓTEO, Agnaldo; MARIA, Angela. **Meu primeiro amor.** EMI-Odeon: 1979.

7. Anexos

7.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (versões cuidador e idoso)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Via do Idoso e do Pesquisador

Documento a ser lido, compreendido, aceito, assinado e rubricado pelo entrevistado.

Título do Projeto: *A Terapia Ocupacional nas oficinas musicais em um grupo*

de idosos com Demências: uma abordagem fenomenológica

1. Natureza do projeto: O(a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de um projeto realizado por uma estudante de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Melissa Nabarretti Maritan Abbondanza, dentro do contexto de um trabalho de Iniciação Científica (IC), coordenado pelo Profº Dr. Marcos Alberto Taddeo Cipullo. O tema do trabalho foi escolhido com o objetivo de produzir sentimentos e sensações positivas, além de propiciar um espaço de interação social, por meio da música como tratamento em pacientes idosos com demência. Além disso, visa auxiliar na manutenção das funções cognitivas do idoso, determinando, assim, uma estagnação no avanço da doença. Sua participação envolverá frequentar as oficinas e o Sarau, a fim de manter as funções cognitivas ainda preservadas no(a) Senhor(a) por meio da experimentação musical. Garantimos que o trabalho será feito dentro dos preceitos da ética, sem julgamentos morais. O trabalho tem fins acadêmicos e científicos.

2. Participantes do projeto: O trabalho será desenvolvido com alguns idosos com demência nos quais seus cuidadores frequentem o Grupo Mente Aberta. Serão convidados(as) de forma voluntária, não sendo a participação obrigatória.

3. Envolvimento no projeto: Serão realizados 10 encontros com duração de duas horas cada, o que, ao todo, demandará 5 meses de participação. Inicialmente será feita a aplicação do Mini Exame do Estado Mental (MEEM), para verificar superficialmente a presença de comprometimentos de memória. Em seguida, será realizada uma anamnese musical com o(a) participante da pesquisa a fim de identificar quais músicas mostraram e mostram-se importantes em sua vida. Assim, através da coleta das informações de cada participante, serão realizados encontros que, por meio de oficinas focadas no aprender a música, tocá-la e cantá-la junto aos outros idosos e pesquisadores, o grupo passe pelo processo de experimentação musical como forma de tratamento das doenças demenciais. Ao fim de cada oficina, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas para o cuidador, ou seja, perguntas para verificar a percepção desse quanto às sensações e sentimentos originados por conta da música ao idoso. Também, haverá a oportunidade para que, quem se sentir à vontade, relate a experiência. Por fim, após todas as oficinas musicais terem sido realizadas, será realizado um Sarau com o objetivo de apresentar aos cuidadores e

outros membros envolvidos no processo tudo o que foi aprendido e resgatado ao longo dos cinco meses.

4. Riscos e desconforto: Sua participação é voluntária. Os riscos existentes relacionam-se com a possibilidade de você se sentir constrangido pelas informações compartilhadas, não existindo risco para sua saúde. Não haverá nenhum tipo de obrigação, pressão ou constrangimento para que as perguntas que surjam nas conversas e experimentações sejam respondidas. Cada idoso(a) falará o que quiser e decidirá o que quer e o que não quer compartilhar com os pesquisadores.

5. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente os estudantes e os professores terão conhecimento de sua identidade e se comprometem a mantê-la em sigilo; mesmo se, eventualmente, vierem a publicar os resultados da pesquisa em artigos científicos.

6. Materiais coletados e uso de dados: todas as informações coletadas nas anamneses, entrevistas e relatos de experimentações musicais, serão anotadas e terão acesso apenas o estudante e professor implicado nesta pesquisa. As anotações serão utilizadas somente para coleta de dados. Você tem a garantia de que todos os dados obtidos a seu respeito, assim como qualquer material coletado só serão utilizados neste estudo.

7. Garantia de plena liberdade do participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento: Você tem toda a liberdade de retirar o seu consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento sem penalização alguma.

8. Benefícios: Ao participar dessa pesquisa você não terá nenhuma retribuição financeira, mas também não haverá nenhum gasto. Um benefício esperado é a possibilidade deste trabalho ajudar na manutenção das funções cognitivas ainda preservadas nos idosos com demência.

9. Direito de ser mantido atualizado sobre os resultados: A qualquer momento, se for de seu interesse, você poderá ter acesso a todas as informações obtidas a seu respeito neste estudo, ou a respeito dos resultados gerais do estudo.

10. Direito a ter acesso aos resultados finais da pesquisa: Quando o estudo for finalizado, você será informado(a) sobre os principais resultados e conclusões

obtidos no estudo.

Se você se sentir esclarecido a respeito da natureza dessa pesquisa e concordar em participar, deverá assinar o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido abaixo. Não assine esse termo sem antes esclarecer todas as dúvidas que possa ter; mas, saiba que a todo momento estaremos à disposição para esclarecer outras dúvidas que possam aparecer posteriormente. Para tal, basta entrar em contato com o Professor Dr. Marcos Alberto Taddeo Cipullo, cujos endereços e telefones encontram-se abaixo.

Esse termo foi elaborado em duas vias devidamente assinadas, sendo que uma ficará com você e a outra conosco.

Observação: Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unifesp: Rua Prof. Francisco de Castro, n: 55, - 04020-050.

Telefones: (11) 5571-1062 ou (11) 5539-7162

E-mail: CEP@unifesp.edu.br

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____,

declaro que obtive de forma apropriada e voluntária as informações sobre o projeto e que li e compreendi os procedimentos da pesquisa intitulada ***A Terapia Ocupacional nas oficinas musicais em um grupo de idosos com Demências: uma abordagem fenomenológica.***

Assinatura do participante de pesquisa/responsável legal

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo. Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Assinatura do Pesquisador

_____, ____ de _____ de 2019.

Pesquisador e professor responsável

Marcos Alberto Taddeo Cipullo

Departamento de Saúde, Educação e Sociedade

Instituto Saúde e Sociedade - UNIFESP / BS

Endereço: Rua Silva Jardim, n. 133-136. Vila Mathias, Santos- SP.

Telefone do departamento do professor: (13) 38783731

E-mail: matcipullo@gmail.com 20

Pesquisadora Auxiliar

Melissa Nabarretti Maritan Abbondanza

Graduanda do 7º termo do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo

Endereço: Rua Silva Jardim, n. 133-136. Vila Mathias, Santos-SP.

Telefone: (11) 96192-2999

Email: me.nabalinda@gmail.com

Via do Cuidador e do Pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Documento a ser lido, compreendido, aceito, assinado e rubricado pelo entrevistado.

Título do Projeto: *A Terapia Ocupacional nas oficinas musicais em um grupo de idosos com Demências: uma abordagem fenomenológica*

1. Natureza do projeto: O(a) Senhor(a), cuidador de um idoso com demência, está sendo convidado(a) para participar de um projeto realizado por uma estudante de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Melissa Nabarretti Maritan Abbondanza, dentro do contexto de um trabalho de Iniciação Científica (IC), coordenado pelo Profº Dr. Marcos Alberto Taddeo Cipullo. Sua participação no projeto será feita por meio de entrevistas semi-estruturadas que visam documentar suas percepções em relação ao idoso que cuida, quanto à aspectos de comunicação e interação, além de questões a respeito do manejo diário do idoso com demência. Garantimos que o trabalho será feito dentro dos preceitos da ética, sem julgamentos morais. O trabalho tem fins acadêmicos e científicos.

2. Participantes do projeto: O trabalho será desenvolvido com alguns idosos com demência e seus respectivos cuidadores, cujos estes cuidadores frequentem o Grupo Mente Aberta. Serão convidados(as) de forma voluntária, não sendo a participação obrigatória.

3. Envolvimento no projeto: Serão realizados 10 encontros com duração de duas horas cada, com os idosos com demência, o que, ao todo, demandará 5 meses de participação. Já a participação do(a) Senhor(a), estará voltada para o final de cinco das dez oficinas, nas quais serão realizadas as entrevistas semi-estruturadas de cunho exploratório a respeito de possíveis mudanças constatadas nos idosos devido à experimentação musical.

4. Riscos e desconforto: A sua participação é voluntária. Os riscos existentes relacionam-se com a possibilidade do(a) Senhor(a) sentir-se constrangido(a) pelas informações compartilhadas, não existindo risco para a saúde. Não haverá nenhum tipo de obrigação, pressão ou constrangimento para que as perguntas que surjam nas conversas e entrevistas sejam respondidas. O(a) Senhor(a) falará o que quiser e decidirá o que quer e o que não quer compartilhar com os pesquisadores.

5. **Confidencialidade:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente os estudantes e os professores terão conhecimento de sua identidade e do idoso, e se comprometem a mantê-la em sigilo; mesmo se, eventualmente, vierem a publicar os resultados da pesquisa em artigos científicos.

6. **Materiais coletados e uso de dados:** Todas as informações coletadas nas entrevistas e conversas, serão anotadas e terão acesso apenas o estudante e professor implicado nesta pesquisa. As anotações serão utilizadas somente para coleta de dados. Você tem a garantia de que todos os dados obtidos, assim como qualquer material coletado, só serão utilizados neste estudo.

7. **Garantia de plena liberdade do participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento:** Você tem toda a liberdade de retirar o seu consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento sem penalização alguma.

8. **Benefícios:** Ao participar dessa pesquisa você não terá alguma retribuição financeira, mas também não haverá nenhum gasto. Um benefício esperado é a possibilidade da experimentação musical auxiliar no manejo do idoso no dia-a-dia, além de manter os aspectos cognitivos ainda presentes no idoso com demência.

9. **Direito de ser mantido atualizado sobre os resultados:** A qualquer momento, se for de seu interesse, você poderá ter acesso a todas as informações obtidas a seu respeito neste estudo, ou a respeito dos resultados gerais do estudo.

10. **Direito a ter acesso aos resultados finais da pesquisa:** Quando o estudo for finalizado, você será informado(a) sobre os principais resultados e conclusões obtidos no estudo.

Se você se sentir esclarecido a respeito da natureza dessa pesquisa e concordar em participar do estudo, deverá assinar o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido abaixo. Não assine esse termo sem antes esclarecer todas as dúvidas que possa ter; mas, saiba que a todo momento estaremos à disposição para esclarecer outras dúvidas que possam aparecer posteriormente. Para tal, basta entrar em contato com o Professor Dr. Marcos Alberto Taddeo Cipullo, cujos endereços e telefones encontram-se abaixo.

Esse termo foi elaborado em duas vias devidamente assinadas, sendo que uma ficará com você e a outra conosco.

Observação: Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unifesp: Rua Prof. Francisco de Castro, n: 55, - 04020-050.

Telefones: (11) 5571-1062 ou (11) 5539-7162

E-mail: CEP@unifesp.edu.br

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____,
declaro que obtive de forma apropriada e voluntária as informações sobre o projeto e que li e compreendi os procedimentos da pesquisa intitulada ***A Terapia Ocupacional nas oficinas musicais em um grupo de idosos com Demências: uma abordagem fenomenológica.***

Assinatura do participante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste responsável legal para a participação do idoso neste estudo. Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Assinatura do Pesquisador

_____, ____ de _____ de 2019.

Pesquisador e professor responsável

Marcos Alberto Taddeo Cipullo

Departamento de Saúde, Educação e Sociedade

Instituto Saúde e Sociedade - UNIFESP / BS

Endereço: Rua Silva Jardim, n. 133-136. Vila Mathias, Santos- SP.

Telefone do departamento do professor: (13) 38783731

E-mail: matcipullo@gmail.com 20

Pesquisadora Auxiliar**Melissa Nabarretti Maritan Abbondanza**

Graduanda do 7º termo do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo

Endereço: Rua Silva Jardim, n. 133-136. Vila Mathias, Santos-SP.

Telefone: (11) 96192-2999

Email: me.nabalinda@gmail.com

7.2 Entrevista com o(a) cuidador(a)

Cuidador(a):

- 1) Nome;
- 2) Data de nascimento;
- 3) Gênero;
- 4) Estado civil;
- 5) Endereço residencial;
- 6) Telefone;
- 7) Religião;
- 8) Utiliza alguma medicação? Se sim, por qual motivo e há quanto tempo?;
- 9) Qual o parentesco com o idoso que cuida?;

Idoso(a):

- 10) Nome;
- 11) Data de nascimento;
- 12) Gênero;
- 13) Estado civil;
- 14) Endereço residencial;
- 15) Telefone;
- 16) Religião;
- 17) Escolaridade;
- 18) Utiliza alguma medicação? Se sim, por qual motivo e há quanto tempo?;
- 19) Há quanto tempo possui o diagnóstico de demência? Qual?;
- 20) Escore 1º MEEM:
- 21) Escore 2º MEEM:
- 22) Como que é o dia-a-dia do idoso? (O que ele faz, rotina, hora de acordar e dormir, sono...).
- 23) O idoso ainda realiza algumas atividades sozinho? Se sim, quais?
- 24) Qual a maior dificuldade no cuidado?
- 25) A música já teve algum espaço importante na vida do idoso? Se não, o que ele gosta(va) de fazer?

7.3 História sonoro-musical

FREGTMAN (1986, pp. 71-72):

1. Você se lembra qual foi o ambiente sonoro durante seus primeiros dias de vida?
2. Cantaram-lhe canções de ninar? Lembra-se das canções e de quem as cantava?
3. De que sons ou música você gostava quando era criança?
4. Como era o ambiente sonoro – ruídos e sons típicos da casa – durante sua infância?
5. Que ruídos ou som o desagradavam quando você era criança?
6. Que canções você recorda de sua infância? Cante-as suavemente e evoque as associações que elas lhe despertam.
7. Você teve alguma tipo de formação ou educação musical?
8. Como foram seus primeiros contatos e aproximação de um instrumento?

9. Quais são os seus instrumentos preferidos? Por quê?
- Atualmente, quais sons lhe agradam e quais lhe desagradam?
10. Quais os seus gostos e preferências musicais?
11. Escolha três peças musicais – ou canções – que mais o identifiquem
12. Qual o ambiente sonoro de sua casa atual? 17
13. Quando e por que e com quem você ouve música?
14. Você gostaria de tocar um instrumento? Qual e por quê?
15. Quais são seus cantores preferidos (masculinos e femininos)
16. Você gosta de cantar? Por quê? Com que frequência o faz?
17. Defina sua voz falando e a sua voz cantando.
18. Como você gostaria que fosse a sua voz?
19. Quais os sons de animais que mais lhe impressionam?
20. Que sons da natureza você evoca nesse momento? Que sensações lhe produz cada um deles?

7.4 Mini Exame do Estado Mental (MEEM)

(BRUCKI, 2003)

1. Que dia é hoje? ()
2. Em que mês nós estamos? ()
3. Em que ano nós estamos? ()
4. Em que dia da semana estamos? ()
5. Qual a hora aproximada? (Considere a variação de mais ou menos uma hora) ()
6. Em que local nós estamos? () (apontando para o chão – Consultório, dormitório)
7. Que local é este aqui? () (apontando ao redor em um sentido mais amplo – hospital, câs de repouso, própria casa)
8. Em que bairro nós estamos ou qual o nome de uma rua próxima? ()
9. Em que cidade nós estamos?()
10. Em que estado nós estamos? ()
11. Eu vou dizer três palavras e você vai repeti-las a seguir. (dê 1 ponto para cada palavra repetida acertadamente na 1ª vez, embora possa repeti-las até três vezes para o aprendizado, se houver erros). Vaso () Carro () Tijolo ()

12. Cálculo – subtração de sete seriadamente a) 93 () b) 86 () c) 79 () d) 72 () e) 65 ()
13. Repita as palavras que Sr. (a). repetiu a pouco. _____()
_____() _____()
14. Nomeie os objetos. Mostre o relógio e repita com uma caneta. Relógio () Caneta ()
15. Eu vou dizer uma frase e quero que o Sr. (a). repita depois de mim:"NEM AQUI, NEM ALI, NEM LÁ". ()
16. Pegue o papel com sua mão direita () Dobre-o ao meio () Ponha-o no chão ()
17. Faça o que eu estou mandando (cartão): "FECHE OS OLHOS" ()
18. Escreva uma frase: ()
19. Copie este desenho (cartão): ()

7.5 Diários de Campo

Diário TCC - 1º encontro como grupo (21/08/2019)

Notas descritivas

Nosso primeiro encontro enquanto grupo, aconteceu na última quarta-feira, 21 de agosto de 2019, das 15h30 às 17h00. Neste primeiro encontro, reunimos todos os idosos com demência junto aos seus cuidadores e a pesquisadora no Laboratório de Atividades e Recursos Terapêuticos (ART) no 5º andar do prédio da UNIFESP Unidade Ana Costa. O objetivo desta oficina inicial foi resgatar as músicas que foram retiradas da anamnese musical e ver quais destas e quais outras músicas irão fazer parte das oficinas seguintes, onde cantaremos e tocaremos juntos (só que daí em diante apenas os idosos com demência e a pesquisadora). Nos encontramos no térreo com o objetivo de esperar todos chegarem para subirmos juntos ao laboratório de ART. Aguardamos cerca de 15 minutos até todos e chegarem e então subimos todos juntos para a sala, onde expliquei novamente o objetivo e como ocorrerá a pesquisa, para lembrá-los deixá-los a par de todos os procedimentos. Dado isso, comecei a colocar as músicas identificadas na anamnese e fui verificando as emoções que estas proporcionavam no momento de escuta. Além disso a cada música era questionado aos idosos se estes gostariam de (re)aprendê-la e cantá-la

em grupo. Ao longo desse processo os cuidadores e idosos foram indicando cantores e músicas que lhe eram interessantes de se trabalhar nas oficinas. A primeira música escolhida foi “Trem das onze”, na versão dos demônios da garoa, que foi a única dentre as identificadas na anamnese que fora realmente escolhida pelo grupo. Em seguida foram escolhidas “Meu primeiro amor” de Ângela Maria e Agnaldo Timóteo, “A voz do morro” de Jair Rodrigues, “Carinhoso” de Pixinguinha e “Detalhes” de Roberto Carlos. Após a seleção das músicas, todas foram tocadas novamente a fim de lembrar e fixar as escolhas feitas pelo grupo. Por fim, foi questionado se os mesmos prefeririam que eu fizesse um CD ou uma playlist contendo as músicas escolhidas e as outras citadas e lembradas ao longo do encontro. Por decisão da maioria a playlist foi a escolhida por ser algo mais fácil de se acessar e, portanto, este será o meio dos idosos ouvirem, as músicas escolhidas, em casa. Nos despedimos e combinamos de nos encontrar na semana seguinte, porém dessa próxima vez será apenas os idosos com demência e a pesquisadora na sala, para que a primeira oficina de aprendizagem aconteça.

Notas intensivas

Desde antes de subirmos à sala, houve um momento de interação muito legal e importante entre os idosos e cuidadores, onde todos conversaram sobre assuntos cotidianos e os encontros da vida. Já na sala, desde a primeira música até a última foi perceptível a relação dos idosos com elas. Estavam cantarolando, dançando sentado e até mesmo chorando. Quase todos os idosos choraram e foi muito bonito de ver, afinal remeteram-se lembranças de outras épocas e até mesmo emoções por conta da letra das músicas. É incrível de ver como a música os ajuda a interagir, se comunicar, se expressar e até mesmo estimular a memória, visto que alguns dos idosos têm dificuldade de conversar e no momento musical conseguem cantar a letra toda da música. Foi muito feliz esse primeiro encontro, afinal os idosos com demência e os cuidadores cantaram, riram e interagiram uns com os outros como se tivessem numa festa. Nas escolhas das músicas dava para identificar quais os animavam mais e que os mesmos mais interagiam, e as que não lhe eram tão interessantes ou vibrantes, fazendo com que eu soubesse já quais músicas eles preferiam e quais eram possíveis de se descartar. Mas ainda assim a comunicação

entre nós foi de extrema importância para saber realmente quais músicas serão trabalhadas em conjunto. Por fim, foi visível que todos adoraram o primeiro encontro, todos agradeceram e pareceram ansiosos para o próximo. Para mim, foi muito satisfatório e gratificante esse primeiro contato como grupo e estou esperançosa e confiante para os encontros seguintes.

Diário TCC - 2º encontro como grupo e 1º como oficina musical (28/08/2019)

Notas descritivas

Nosso segundo encontro começou um pouco mais tarde dessa vez. Eu tive problemas para pegar a chave e conseguir a sala que tínhamos usado da vez anterior, porém com uma certa conversa, consegui ser liberada para utilizar a sala. Nisso Sra. Cristina, Sr. Alberto e Sr. Antônio já haviam chegado e como combinamos de nos encontrarmos todos no térreo antes de irmos até a sala, ficamos aguardando por Sr. Roberto, o único do grupo que faltava. Depois de uma certa espera subimos todos (desde os idosos com demência até seus respectivos cuidadores) no laboratório de Atividades e Recursos Terapêuticos (ART) no 5º andar, para esperar o Sr. Roberto por lá mesmo, afinal a Sra. Cristina estava sentindo muito frio no térreo por conta de uma forte corrente de ar que passa por lá. Sr. Roberto acabou chegando por volta das 16h, no qual, assim que chegou, os cuidadores se retiraram e demos início à oficina. Como eu havia preparado apenas uma música, “Trem das onze”, a primeira que o grupo havia escolhido, cantamos ela mesma repetidas vezes, cerca de umas sete. Comecei a oficina perguntando se essa música os remetia alguma lembrança e todos negaram, dizendo que não se lembravam mais. Após questionei se os mesmos sabiam a história da música e todos disseram que não novamente e então expliquei que se trata da história de um homem que está se despedindo de sua namorada pois necessita pegar o trem de volta para a casa. Aparentou que os idosos ficaram interessados e acharam bem poética a música após a análise. Enquanto cantávamos houveram diversos momentos em que os idosos comentaram sobre algumas lembranças que a música lhes trouxe no momento de ouvir e cantar. Sr. Antônio, por exemplo, se lembrou que era bem novo na época e que acreditava ter cerca de 14/15 anos quando a música estourou, já o Sr. Alberto

disse que se recordou de que ouvia sempre a rádio Eldorado, no trabalho dele, que o mesmo gostava bastante de como eram os programas dessa rádio, as propagandas e as músicas que tocavam e inclusive ressaltou que na época essa música tocava todos os dias. A Sra. Cristina é a pessoa do grupo mais comprometida cognitivamente, como já dito em outros diários, porém era possível de se perceber que a mesma recordava algumas coisas enquanto ouvia a música, mas por conta da dificuldade que a mesma tem para se comunicar, não conseguia colocar em palavras o que estava lembrando e logo já se perdia. Por conta dessa gravidade a senhora também perdia o foco constantemente, parando de cantar com o grupo para se levantar ou para falar sobre alguma coisa que por muitas vezes não conseguia elaborar a ideia por conta da confusão intensa que a permeia. Em certos momentos dizia que ia embora, mas com um pouco de conversa ela ficava. Se recordava que tinha ido com alguém até a Universidade mas não lembrava quem era e ficava levemente desesperada para saber quem era que tinha levado-a até lá. Já Sr. Roberto mal interagia com o grupo sem ser no momento musical, ou seja, cantava a música toda em todos os momentos que fora tocada, porém enquanto conversávamos não falava praticamente nada, somente quando lhe era questionado algo diretamente. Acabamos a parte musical logo, por volta das 16h45, por conta de haver apenas uma música no repertório. Ao final do encontro fizemos um café da tarde para conversarmos um pouco mais e chamamos os cuidadores para participar. Com isso já alinhamos o próximo café para que todo mundo traga alguma coisinha para ser compartilhada. Para finalizar, cantamos todos juntos (eu, os idosos e os cuidadores) a música "Trem das Onze". Nos despedimos e na semana seguinte nos encontraremos com mais uma canção para interpretarmos juntos, "Meu primeiro amor" de Angela Maria e Agnaldo Timóteo.

Notas intensivas

No começo, quando cheguei na Universidade em busca da chave da sala, estava muito apreensiva, pois achei que de fato não iríamos poder entrar no laboratório e que parte da pesquisa ficaria comprometida por conta disso. Porém assim que conseguia chave foi um alívio. Confesso que também fiquei preocupada com a demora do Sr. Roberto, mas após uma ligação que fiz para seu cuidador que dissera

que os mesmos estavam chegando, fiquei mais calma. Ao iniciar a oficina eu estava um pouco “travada” mas com o decorrer da mesma fui me “soltando” mais. Algo que achei interessante foi o fato de Sr. Antônio ter dito algumas vezes aos outros idosos “essa música é da época de vocês” o que deu a entender que ele se sente mais novo que os demais. Já, enquanto cantávamos, Sr. Alberto, ex-cantor de coral, me disse que eu estava desafinada. Nisso pedi para ele me ajudar a encontrar o tom mas o mesmo não pareceu tanto aberto para dar essa ajuda, então fui tentando sozinha encaixar melhor o tom até que questionei se tinha melhorado e o idoso afirmou que sim. Porém em outros momentos pareceu que o mesmo ainda estava incomodado pois ficava dizendo que todos tinham que cantar suave e que ninguém precisava aparecer mais que ninguém. Me pareceu um pouco uma indireta por eu estar cantando mais alto que os demais e por conta disso tentei suavizar um pouco mais a altura da minha voz para ver se o mesmo ficava menos “entediado”. O grupo cantou bem baixo de um modo geral, por mais que eu fizesse tentativas de chamá-los para cantar mais alto e às vezes aumentando a altura da minha voz para ver se os idosos também aumentavam, porém não obtive muito sucesso. O que deu para perceber é que esses encontros terão uma certa exigência para que sejam bons, algo que acho bom pois nos ajuda a ficarmos alinhados para a apresentação que iremos realizar no final do projeto. Vejo que falhei em ter levado apenas uma música, pois o tempo acabou sendo bem menor que o planejado. Da próxima vez irei com mais músicas para que o encontro não se torne entediante ou acabe tão cedo como da última vez. Nessa primeira oficina consegui perceber a importância de chamar alguns dos idosos para a conversa, pois falta um pouco da iniciativa e até mesmo do foco para se juntarem aos outros. Por fim nessa primeira oficina já deu pra entender um pouco mais o jeito de cada idoso e mais ou menos como a oficinas se darão, me preparando para que a cada encontro as falhas sejam melhoradas e os acertos repetidos.

Diário TCC - 3º encontro como grupo e 2º como oficina musical (11/09/2019)

Notas descritivas

Nosso terceiro encontro aconteceu duas semanas seguintes do primeiro, por conta de que 2 idosos iriam faltar e isso poderia comprometer o avanço do grupo, porém nessa semana acabou que ainda assim aconteceu com menos pessoas presentes. Escolhemos fazer mesmo com pessoas faltando por conta de que não podemos atrasar mais o estudo pela falta de tempo para entregá-lo e apresentar a banca. Por conta de um imprevisto a Sr. Cristina não pôde comparecer e o Sr. Antônio está com muitas questões em relação a seu ânimo e vontade de fazer as coisas, por conta disso, escolheu não comparecer nessa última quarta-feira. Chegando lá, nos reunimos direto na sala do 5º andar, a qual já realizamos os outros encontros. Nisso, estavam os idosos e seus cuidadores, então aproveitei para explicar a todos a situação do Sr. Antônio, pois pode ser que o mesmo se retire do grupo por conta dessas questões que o tem afligido, e achei importante que isso fosse colocado no grupo. Em seguida pedi para os cuidadores se retirarem para darmos início à oficina. Questionei os idosos se os mesmos tinham estudado a música em casa, ou pelo menos ouvido-a, e os mesmos disseram que não treinaram por falta de tempo mas que chegaram a ouvir pelo menos. Dado isso, começamos a cantar “Meu primeiro amor” de Ângela Maria, junto ao violão. Os dois participaram da cantoria e logo de primeira o Sr. Roberto se pôs a chorar dizendo que essa música tocou no coração dele. Após essa primeira cantoria questionei a eles o que esta música os fazia recordar e o Sr. Alberto disse que se lembrava dos “bailinhos” da época dele e Sr. Roberto concordou. Também falamos sobre a letra, qual mensagem ela pode passar e o Sr. Alberto disse que deve ter sido um amor que ela perdeu por conta de trabalhar muito na noite (cantando) e não ter tempo para se dedicar ao seu amor. Dado isso coloquei a música no celular a fim de fazê-los recordarem a melodia. Fizemos isso e cantamos mais uma vez. Sr. Alberto bocejava bastante durante o encontro, apesar de interagir também, quando questionado do porquê bocejava tanto, disse ser por estar com preguiça. Algo que ficou perceptível, foi que dessa vez os dois estavam mais engajados em cantar, onde Sr. Alberto cantou bem mais claro e alto e o Sr. Roberto tentou acompanhar a letra (lendo-a ao invés de encaixando com a melodia, porém um grande avanço já desde a primeira oficina). Perguntei a Sr. Alberto se eu estava desafinando muito e o mesmo disse que um pouco mas que ele entende que isso acontece por conta de eu não conhecer muito bem a música.

Conversamos um pouco sobre os corais que Sr. Alberto já participou, afinal tenho muito interesse em participar de algum. Nisso ele me indicou 2 corais de Santos, o qual o mesmo se recordava de serem muito bons e legais de eu participar. Já o Sr. Roberto falou que participou por um tempo também do coral da Igreja mas que hoje em dia só participa do grupo de oração e que este é muito importante para ele. Entrando nesse assunto de igreja, Sr. Roberto se recordou que aos 8 anos fez parte de uma cruzada infantil e que isso está marcado para ele. Sr. Alberto recordou que estudou no Colégio do Carmo que era referência em sua época mas que também era muito exigente. Nisso, os dois se recordaram que nessa época tinham que usar topete por ser um penteado exigido pelas escolas cristãs que propunham um padrão a ser seguido. Depois dessa conversa, cantamos uma vez “Trem das onze” para recordar e por fim cantamos mais uma vez “Meu primeiro amor”. Chamamos os cuidadores e tomamos um café juntos, dessa vez tinha bolo, pão de queijo e café, que nos organizamos anteriormente pelo whatsapp para levar. Durante o café conversamos um pouco sobre cervejas e vinhos, algo que ficou notável fazer falta na vida de Alberto, pois o mesmo, por recomendações médicas, não pode mais beber quanto antes. Após todos comermos, cantamos “Meu primeiro amor” em grupo e todos interagiram com a música. Então nos despedimos e já deixamos o encontro marcado para a próxima semana que virá.

Notas intensivas

Ao conversarmos sobre Sr. Antônio foi perceptível que os colegas de grupo de solidarizaram com a situação, demonstrando pelo olhar que compreendiam o que o senhor está passando. Durante todo o decorrer da oficina foi perceptível que os dois estavam interagindo muito bem com a música e entre eles, onde Sr. Roberto que quase não tinha conversado na oficina anterior, nessa falou bastante, se recordou de muitos momentos passados e cantou a música todas as vezes que fora tocado. Sr. Alberto também estava mais “solto” no momento de cantar, cantando mais alto e até mesmo contente pois sorria constantemente com a boca ou até mesmo com o olhar. O grupo fluiu melhor, não sei se foi por conta de ter menos pessoas juntas, mas os dois idosos se colocaram bastante e cantaram sem parecerem entediados como da última vez deu um pouco a entender. Gostei bastante desse encontro, pois foi bem

tranquilo e deu bem certo quanto ao interagir em grupo e ao estimular da memória, que foi bem colocado e visível durante toda a oficina.

Diário TCC - 4º encontro como grupo e 3º como oficina musical (18/09/2019)

Notas descritivas

Nessa última quarta-feira nos encontramos direto na sala do 5º andar para darmos início à mais uma oficina musical. Chegou por ordem Sr. Alberto com sua cuidadora, depois Sra. Cristina com seus cuidadores e por fim Sr. Roberto. Cada um trouxe uma coisinha para contribuir no lanchinho, no qual havíamos previamente decidido. Logo que todos chegaram os cuidadores já se retiraram para darmos início à oficina. A música desse dia foi “A voz do morro” de Jair Rodrigues e além do violão levei também o pandeiro para tocarmos juntos. Questionei se tinham treinado a música mas todos disseram que não, apenas Sr. Roberto alegou ter vindo cantando na viagem do guarujá até Santos que faz sempre que há o nosso encontro. Na primeira vez toquei com o violão e o Sr. Alberto cantou alto, acompanhando a letra com a folha que sempre entrego, junto à melodia, Sr. Roberto ficou novamente lendo a letra sem encaixá-la na melodia e Sra. Cristina cantava as partes que se recordava, pois atualmente creio que a mesma já não saiba mais ler para acompanhar a letra impressa junto à melodia. Após cantarmos junto ao violão, toquei uma vez com o pandeiro e todos se animaram. Soltaram sorrisos e olhares mais iluminados com a presença de tal instrumento, e mais especificamente Sr. Roberto acompanhou o batuque batendo em sua própria perna o que me levou a entender que o mesmo poderia gostar de tocar o pandeiro. Sendo assim peguei o violão e dei o pandeiro para ele. Em todas as outras vezes que tocamos o mesmo ficou mais focado no pandeiro do que na própria letra da música, acompanhando com o batuque toda vez que começávamos a cantar. Questionei sobre o que essa música os recorda e Sr. Alberto disse novamente que lhe lembra dos bailinhos nos clubes, que sempre tinha uma parte da noite que tocava samba e essa música era um “hino”, pois sempre tocava e conquistou o Brasil. Já Sr. Roberto tem como lembrança os carnavais que gosta desde criança e que essa música sempre esteve presente. Ao falar de carnaval Sra. Cristina disse gostar e quando questionado sobre samba ela disse

gostar bastante também (de ouvir e de ver) e que esse tipo de música alegra a todos (a Sra. não teve iniciativa de dizer o que a música em específico lhe lembra, pois creio que ela não se recorda de muitas coisas já, além disso se apresentou ao grupo novamente, ao invés de falar sobre a música), e o Sr. Alberto disse que não gosta de carnaval. Coloquei a música no celular alegando que precisávamos ouvir para sabermos a música direitinho para quando formos nos apresentar ficar bonito e a Sra. Cristina ficou impressionada ao saber que iríamos apresentar, afinal não se recordava dessa parte. Questionei porque ela ficou daquele jeito ao saber que iremos nos apresentar e ela disse que tem vergonha, a fim de aconselhá-la Sr. Alberto disse que não precisa ter vergonha, que é só ensaiar para aprender a música direitinho que dá tudo certo. Durante a música tocada no celular Sr. Roberto continuou acompanhando no pandeiro. A fim de conversar um pouco e estimular a memória perguntei o que cada um fez pela manhã. Nisso, Sr Alberto disse que foi para a fisioterapia junto à esposa e que passou a manhã toda lá e que foi bem puxado, Sr. Roberto disse que foi para a ginástica que faz todo dia pela manhã e que entende que é importante para sua saúde, já Sra. Cristina não se lembra do que fez e disse ter vindo de São Paulo (algo que depois questionei aos cuidadores da mesma e eles negaram, o que leva a crer que a senhora ainda acredita que vive em São Paulo, não em São Vicente onde realmente é sua casa atualmente). Além desse papo deu para perceber que Sr. Alberto ainda possui noção de tempo, pois disse que o dia seguinte era uma quinta-feira, que não dirige há dois anos e que tem netos uma de 14 anos e outro de 4. Sr. Roberto comentou da esposa que a mesma anda doente e por conta disso tem ajudado bastante nos afazeres de casa. Já Sra. Cristina, por volta das 16:15, já estava dizendo que precisava ir embora e que a mesma não aguentava ficar por muito tempo (apesar de já ter falado gostar muito de ir às oficinas), contornei isso tocando mais uma vez o que prendeu sua atenção e em seguida pedi para os cuidadores subirem para o lanchinho antes que a paciência da senhora se esgotasse. Em alguns momentos a senhora também falou de apanhar e de jogarem ela, o que ficou bem solto pois foi dito em momentos no qual isso não fazia sentido, algo que não deu para entender se a mesma já sofreu ou sofre agressões. Também cantamos uma vez cada música que a gente já havia aprendido até então. Com a chegada dos cuidadores, lanchamos e batemos um papo e por fim

cantamos todos juntos, com o Sr. Roberto sempre acompanhando no pandeiro, eu no violão e o resto do pessoal soltando a voz.

Notas intensivas

Senti que, apesar de ter sido um encontro mais curto por conta das necessidades da Sra. Cristina, o grupo está bem sintonizado e se dando bem, onde cada um vem tomando uma posição no grupo e interagido e apresentado suas questões durante as conversas e cantorias. Sr. Alberto disse ter gostado muito do encontro e que estamos melhorando cada vez mais com as músicas, algo que me deixa feliz, pois do primeiro encontro onde o mesmo achou que eu estava desafinada e pareceu entediado, para o último houve muita evolução no sentido de se sentir bem com o grupo. Sr. Roberto tem participado mais dos encontros, falando mais e recordando algumas coisas. Já com Sra. Cristina ainda é notável que a mesma se encontra muito confusa por conta do processo de adoecimento, mas que a música ainda é uma coisa que ela se lembra fielmente, pois sempre canta algumas partes sem ler a letra, o que mostra que essa memória se encontra preservada nela. Tenho ficado bem feliz com a evolução do grupo e com o engajamento de todos. Vejo que meu olhar e minha escuta tem se aprimorado a cada encontro, onde estou conseguindo perceber sutilezas que são muito importantes para a construção do trabalho. Espero que continuemos evoluindo e que cada encontro seja uma nova descoberta, uma nova oportunidade de auxiliá-los nesse processo de adoecimento e uma nova experiência como futura profissional, como pessoa e como integrante desse grupo.

Diário TCC - 5º encontro como grupo e 4º como oficina musical (02/10/2019)

Notas descritivas

Nosso último encontro aconteceu após uma semana de pausa, por questões de saúde, da própria pesquisadora, que inviabilizavam o encontro. Por conta disso o encontro ocorreu no dia 2 de outubro na sala no quinto andar, como das outras vezes. Nos encontramos por volta das 16h00 por conta de alguns empecilhos que se deram (a impressão das músicas, um dos cuidadores ter ido à padaria para comprar algo para o lanche e a vinda de 2 novos idosos ao grupo).

Assim que todos chegaram, nos apresentamos e expliquei o trabalho novamente, afinal haviam duas pessoas novas no encontro, que chegaram só agora pois estavam viajando, mas que mesmo assim ainda tinham muito interesse em participar. Um casal de idosos, Francisca e José, que adoram música pareciam empolgados e interessados para o que iria acontecer nesse encontro. A Sra. Cristina não pôde comparecer e não houve justificativa para tal.

Os cuidadores se retiraram e demos início à oficina. Neste dia foram apreendidas duas novas músicas, por conta da falta do encontro na semana anterior, sendo estas “Carinhoso” de Pixinguinha e “Detalhes” de Roberto Carlos. Começamos cantando, junto ao violão, a música “Carinhoso”, e foi visível algumas novas questões desde esse primeiro contato com a música. Sr. José, atropelava um pouco a música, saindo da melodia e confundindo os outros idosos, creio que inclusive por conta disso, Sr. Alberto cantou mais baixo, afinal estava meio perdido onde entrava junto com o violão. Sr. Roberto seguiu acompanhando a letra da música a partir da leitura, o que o faz atropelar as vezes também. Já Francisca, dizia o tempo todo que era muito desafinada e que não queria atrapalhar o grupo por conta disso, mas através de diversos chamados e tentativas, aos poucos a mesma foi se juntando a cantoria. Com isso, senti necessidade de colocar a música no celular para que os idosos se familiarizassem com a melodia novamente, antes de voltarmos a estudá-la. Coloquei duas versões, a de Marisa Monte e de Pixinguinha, durante esse momento Sr. José continuou a acompanhar a letra, mostrando seu amor por cantar e pela música (que diversas vezes fora ressaltado por ele mesmo e por sua esposa). Dado isso cantamos mais uma vez, só que um pouco mais sincronizados que a primeira.

Após essa primeira música, a fim de não tornar tedioso o ouvir e cantar tantas vezes a mesma música, partimos para o aprendizado de “Detalhes”. Sr. José lembrava a música do início ao fim, mas ainda assim atropelava um pouco a melodia. Já os outros acompanharam a letra impressa e tentaram cantar junto ao violão, afinal ficava um pouco difícil com outras pessoas fora. Após cantar, também ouvimos uma vez no celular para lembrar o ritmo e assim cantamos mais uma vez, novamente um pouco mais sincronizado.

Dado esse momento de familiarização com a melodia, perguntei a todos o que a música lhes lembrava e novamente foi falado (por Sr. Alberto e Francisca, além de ter lembrado Sr. José dessa época) sobre os bailinhos de aniversário e de clube da época, inclusive falou de novo (Sr. Alberto, reafirmado por Sra. Francisca) um pouco sobre as seleções da época que giravam em torno de bolero, chá chá chá (uma dança latina) e samba. Sr. Alberto falou novamente que isso é música de verdade e que hoje não se fazem mais músicas assim e todos os idosos concordaram. Sr. Roberto não conseguiu responder à pergunta, estava muito confuso e calado nesse encontro, coisa que, depois de conversar diretamente com ele, fiquei sabendo que sua esposa está muito doente e isso está afetando diretamente no comportamento do idoso. O mesmo disse que sua casa parece uma farmácia de tanto remédio que tem e que está se sentindo mal, por ela estar mal e reconhece que está mais “atrapalhado”, como ele disse.

Aberto esse momento de conversa, Sr. Alberto e Sra. Francisca não pararam mais de conversar. Falaram sobre pintura, algo que era muito importante na vida da senhora mas que a mesma não realiza mais por conta da baixa visão e relembrou a mãe de Sr. Alberto que era uma pintora nata e pintava de tudo (panos, telas, porcelana, entre outros). Nesse momento notei que Sr. Roberto estava bem perdido e não acompanhava a conversa, ficava olhando para as letras das músicas e quando fui conversar com ele, o mesmo perguntou que ordem que era as músicas, demonstrando de fato que não estava atento à conversação. Sr. José ficava cantarolando músicas que vinham à cabeça e também não interagia muito, somente quando era chamado pela esposa ou pela pesquisadora. Nessa conversa Sra. Francisca também falou que participou de um coral na escola quando era jovem mas que essa tinha sido sua única experiência, e que por isso se acha desafinada. Sr. Alberto a aconselhou de como aprender a afinação, dizendo que é só cantar baixinho em casa e com a letra que aos poucos vai pegando. Já, Sr. José, disse que sempre participou de grupos de canto e que a música é muito importante para ele. Falaram de serenatas e poesias que também eram muito presentes na época. Também surgiu de Sr. Alberto uma fala de desgosto a respeito dos gays que passam na TV Gazeta. O mesmo senhor também falou que lê muito bem em inglês e francês, mas que por conta da falta de prática, não sabe falar nessas línguas.

Depois de muita conversa, Sr. Roberto falou que queria ir embora, e por conta disso passei para a parte de ensaiar as outras músicas, já aprendidas nas oficinas anteriores, logo, para que o idoso não ficasse incomodado com tanto tempo na sala. Começamos com “Trem das onze”, onde ajudei a Sra. Francisca a entrar no tom, afinal a mesma havia pedido. Todos cantaram, até o casal que estava sem a letra, destacando Sr. José que relembrou a música toda e Sr. Roberto acompanhou com o pandeiro. Seguimos com “Meu primeiro amor”, onde Sr. José disse ter sido um jovem bohemio. Depois foi a vez de “A voz do morro”, na qual Sr. Roberto acompanhou do seu jeito no pandeiro. Por fim cantamos mais uma vez “Carinhoso” e “Detalhes”, até que os cuidadores chegaram para o lanchinho. No lanchinho conversamos um pouco sobre comidas e aparelhos domésticos, como microondas air-fryer, entre outros.

Nisso nos despedimos e deixamos combinado que o encontro da próxima semana será mais cedo, por conta do Grupo Mente Aberta que alguns cuidadores irão participar. Também deixei combinado com o casal de idosos que lhes levarei as músicas impressas que faltam.

Notas Intensivas

Cheguei bem aflita no encontro, afinal fiquei mais de 20 minutos na papelaria esperando as letras das músicas serem impressas, algo que me deixou um pouco irritada afinal eu tinha horário para encontrar os idosos e seus cuidadores e não queria me atrasar. Mas chegando lá Sr. Alberto e Sr. Roberto já estavam com seus respectivos cuidadores conversando entre si, o que me deixou aliviada afinal a espera não parecia estar sendo algo ruim. Dado isso, fui buscar as chaves e subi na sala sozinha para deixar os instrumentos e arrumar a mesa que ficamos juntos sempre nas oficinas.

Desci e a cuidadora do casal, lembrando que Sra. Francisca não tem alzheimer, somente Sr. José, ainda não havia chegado. Por conta disso e por eu já ter combinado de encontrá-los na sala do quinto andar, subimos para conversarmos e aguardarmos eles. Chegando lá, conversamos um pouco sobre essa oficina ser a última de aprendizagem e que a próxima será somente de ensaio para a apresentação. Deixei claro que os detalhes da apresentação, como data, local, quem

comparecerá, roupa, organização, entre outros, serão decididos na semana que vem, o que os deixou um pouco empolgados.

Enfim, ao longo do encontro me senti bem preparada na escuta e no olhar, percebendo quem estava mais de fora, fazendo o chamamento destes para o grupo, quem estava acompanhando a letra e como, quais os assuntos eram abordados, quais referências de memórias foram citadas, entre outras vivências que decorreram no encontro.

Sinto que a cada encontro estamos mais sintonizados como grupo e estou mais preparada para coordená-lo. A evolução tem sido crescente entre todos os participantes e isso me alivia e me contenta, afinal já dá para perceber como a música aproxima e ajuda na interação e relação entre as pessoas.

Sigo contente com a pesquisa mas ao mesmo tempo um pouco triste pois está acabando. Além disso estou um pouco aflita e ansiosa afinal as partes de análise estão chegando e por se tratar de um modelo com o qual nunca tive contato, fico um pouco desesperada para fazer dar certo e para entender certinho como cada etapa deve ser feita.

De um modo geral foi um encontro muito bom, que rendeu muitas conversas e muita cantoria. Espero que os próximos sigam nessa linha e que a apresentação que está por vir seja bem legal.

Diário TCC - 6º encontro como grupo e 5º como oficina musical (09/10/2019)

Notas descritivas

Na quarta-feira dia 09 de outubro, combinamos de nos encontrar mais cedo, às 15h00, pois nesse dia, pela primeira vez, houve concomitância com o Grupo Mente Aberta. Chegando lá subimos todos para o 5º andar e encontramos com as pessoas do grupo. Lá, conversamos um pouco, e os idosos Alberto e Roberto resolveram comer uma torta holandesa antes de iniciar o grupo e a oficina. Dado esse momento, descemos para o 4º andar, numa sala que fica reservada para nós quando a do 5º andar está ocupada. Nesse dia, combinamos que seria mais um dia para ensaiar para a apresentação, visto que as cinco músicas escolhidas já haviam sido

passadas ao longo das oficinas anteriores, e também pensamos em deixar combinado como será a apresentação. Ensaíamos as músicas na ordem que aprendemos e depois conversamos um pouco. Sr. Alberto sempre muito falante, colocou no grupo, que estava incompleto novamente, que a música “Detalhes” lhe lembra de uma ex namorada que gostou muito. Disse alguns detalhes sobre como ficaram décadas conversando por telefone e se vendo durante as férias, afinal a namorada morava no Rio de Janeiro e Alberto em Santos. Questionei o porquê dessa música lembrar a ex e ele disse por ser uma letra triste. Disse que ela trabalhava e ele ainda não e que desse jeito não dava para os dois continuarem, sem contar a distância, que atrapalhava bastante. Pareceu bem saudoso desse relacionamento e falou com muito carinho da ex, parecendo que ainda hoje existem sentimentos por ela que não foram esquecidos. Quando casou com sua atual esposa, na lua de mel, foram para o Rio de Janeiro e encontraram com a ex, e as duas ficaram bastante amigas, mostrando que sua esposa não tem ciúmes dessa ex e que as coisas já estão bem separadas. Lembrou de uma vizinha que teve desde pequeno em Santos e que o mesmo paquerava bastante, mesmo já estando casado. Relembrou que a esposa morre de ciúmes desta e que o nome dela não pode ser citado em casa pois é sinônimo de briga. Durante todo esse tempo, Sr. Roberto ficou quieto, parecendo não estar nem acompanhando a conversa. Quando questionei a Roberto se o mesmo paquerava bastante quando era jovem, o mesmo respondeu que trabalhava muito, algo que não deu pra entender se ele ficou confuso com a pergunta ou se a resposta era que por conta do trabalho excessivo o mesmo não tinha tempo de paquerar. Então perguntei das ex namoradas e ele falou somente da esposa e dos filhos. Após isso entramos numa conversa sobre trabalho, na qual Sr. Alberto falou sobre os diversos comércios que teve ao longo da vida, que foi desde um piano bar até uma papelaria. Já Sr. Roberto se lembrou de ter trabalho no CESP por muitos anos e que sente muita falta, afinal segundo ele faz mais ou menos um ano que se aposentou, enquanto Sr. Alberto disse que já fazem 3 anos que não trabalha. Conversa foi rolando e então falamos um pouco sobre televisão. Sr. Roberto disse que gosta de acompanhar os jornais e que quase nunca vê novela. Já Sr. Alberto disse que o conteúdo das novelas caiu muito, além disso que os noticiários já não lhe agrada mais pois só tem notícias ruins, ressaltando o grande

número de casos de estupros. Falou da injustiça do Brasil quanto à esses casos que muitos são absolvidos ou os estupradores são liberados muito cedo, voltando pra sociedade logo. Falou que defende a pena de morte para esses casos. Falou também da TV Gazeta novamente, que só tem “viado e mulher burra” e que nesse quesito a globo tem bem mais qualidade. Disse que os programas da Gazeta são para as “donas de casa que não têm cérebro”. Tira o chapéu pra Silvio Santos por ele ser rico e ainda assim trabalhar em prol da população. Novamente nesse momento Roberto se perdeu um pouco na conversa, mostrando não estar acompanhando o tanto de informações. Falamos também sobre celular e que os dois não usam e que Sr. Alberto critica o uso excessivo desse aparelho nos dias atuais. Dada essa conversa, ensaiamos mais uma vez todas as músicas, onde Sr. Roberto tocou pandeiro em “Trem das onze” e “A voz do morro”, alegando gostar bastante de estar aprendendo tal instrumento. Sr. Alberto diversas vezes tentou chamar Roberto para cantar mais alto e animado, mas por vezes Sr. Roberto ainda assim se perdia na letra. Terminando, chamamos os cuidadores e fizemos o lanchinho. Na hora do lanchinho ficou combinado que na semana seguinte seria a apresentação no próprio laboratório que fazemos as oficinas, e que está aberto para eles levarem quem quiserem. Então nos despedimos e combinamos de nos encontrar mais tarde na semana seguinte, às 16h00.

Notas intensivas

Foi no geral um encontro bem tranquilo, fiquei feliz de ter dado tempo de ensaiar e encontrar com os cuidadores sem ninguém ter que esperar ou se esgotar por conta do tempo. Vejo que apesar do excesso de falta dos outros integrantes do grupo, ainda assim a gente tem caminhado bem junto e construído um vínculo legal, onde nos abrimos, conversamos, lembramos e esclarecemos diversas coisas. Vejo também que a música tem tomado um espaço especial na vida dos dois idosos, visto que Sr. Alberto sempre lembra dos corais (e me indica alguns, como nesse encontro que indicou o Ars viva) e canta com vontade, e Sr. Roberto que tem se aproximado do pandeiro e gostado bastante da experiência, e que apesar da dificuldade em acompanhar a música, faz o possível para tal. Por conta dessa aproximação com o pandeiro, deixei o instrumento com ele para que o mesmo treinasse ao longo da

semana. Sinto que não combinamos muito bem a apresentação, mas que ao longo da semana iremos conversando pelo whatsapp pra melhor esclarecer esse encontro final. Espero que os idosos que têm faltado possam comparecer na apresentação e para podermos fechar esse ciclo.

Diário TCC - 7º encontro como grupo e 6º como oficina musical (16/10/2019)

Notas descritivas

No dia 16 de outubro, havíamos marcado a apresentação das músicas aprendidas ao longo das oficinas, porém ao longo da semana foram decorrendo coisas que fizeram com que este encontro fosse mais um ensaio. Alguns integrantes do grupo não poderiam comparecer nesse dia, o que iria ser ruim, por não ter todos os participantes presentes no resultado final de todo esse processo. Dado essas angústias, combinamos de nos encontrar no horário de sempre, às 15h30, no laboratório para ensaiarmos mais uma vez. Chegando na Universidade já fui recebida por Sr. Alberto e sua esposa com uma caixa de bom bom, algo que achei super fofo e me trouxe mais alegria para aquele dia. Subimos e assim que chegamos uma das cuidadoras perguntou se poderia ficar junto para animar mais a cantoria, eu disse que primeiramente iria ensaiar só com os idosos uma vez e que depois chamaria os cuidadores para somarem na cantoria. Dado isso os cuidadores se retiraram e demos início à mais uma oficina musical. Comecei como sempre começo, questionando como todos estavam e todos afirmaram estar bem e com isso começamos a cantoria na ordem das músicas aprendidas. Como tem sido rotineiro, Sr. Roberto acompanhou no pandeiro duas das músicas e quando questionado como foi treinar em casa o mesmo disse que sua família adorou e se animou bastante com o fato de ele estar tocando. Durante todas as músicas a Sra. Francisca reclamava que não sabe cantar e que sua voz não sai e em todos os momentos Sr. Alberto tentava contornar dizendo que era só questão de treino que ela aprende rapidinho. Durante a cantoria Sr. Roberto começou a rir e quando questionado o porquê do riso o mesmo dissera que é do jeito dele, que lembrou da graça de viver e que achou engraçado ele mesmo ter esticado a voz para cantar o final de uma das músicas. Algo que ficou visível fora o fato da música “Detalhes” ser mais lenta e ter

mais pausas que faz com que os idosos, principalmente Sr. Roberto e Sr. José se confundam e atropelem um pouco a melodia. Após terminarmos essa primeira rodada de cantoria, começamos a conversar. Nessa conversa Sr. Alberto se lembrou de ter me indicado um coral para eu ligar e perguntou se eu havia feito isso. Novamente o mesmo senhor se lembrou de ex ao cantar “Detalhes”. Algumas coisas que permanecem perceptíveis são as tentativas do Sr. Alberto tentar deixar a música o mais perfeita possível, pedindo para os colegas cantarem mais alto e para Sr. Roberto não tocar o pandeiro nas músicas que não pedem tal instrumento. E também sugeri um metrônomo para facilitar os outros idosos de entrar no tempo certo da música. Sr. José interagiu pouco, mas quando eu falava o nome das músicas já começava a cantar, demonstrando ter uma boa memória musical. Sr. Roberto não interagiu muito também, mas creio que ainda seja por conta da esposa não estar bem e ele ficar confuso por isso. Durante a conversa percebi que a Sra. Francisca esquece algumas coisas rapidamente, algo que me intrigou se a mesma possui ou não problema de memória, afinal ao adentrar no grupo fui informada que somente seu marido possui Alzheimer. Terminando esse momento de conversa chamei os cuidadores para se juntarem a nós. Nisso cantamos todos juntos e fizemos nosso lanchinho. Ao acabar o lanchinho combinamos de nos encontrarmos às 15h00 semana que vem por conta do Grupo mente Aberta. Também combinamos que todos terão pastas com a letra da música para ficar mais fácil de segurar durante a apresentação. Além disso o combinado é que todos vão de calça preta e uma camiseta de alguma cor bem bonita para que a apresentação seja bem alegre e colorida.

Notas intensivas

Fiquei muito feliz logo de início por já ter sido recebida com presente, algo que mostrou como os idosos se importam comigo e se sentem pertencentes ao grupo. Durante o grupo tentei o tempo todo convidar os que menos falavam para compartilhar suas experiências, a fim de trazer todos para esse momento importante de interação. Quando Sr. Alberto lembrou da questão do coral fiquei muito feliz, afinal demonstrou que o idoso ainda tem uma cognição bem preservada, afinal se lembrou de uma conversa rápida que tivemos na semana anterior e isso me alegrou

demais. Por fim creio que o encontro tenha sido de uma forma geral muito bom e produtivo. Estou ansiosa para a aplicação final dos instrumentos avaliativos e para a apresentação, espero que tudo decorra da melhor forma possível e que eu consiga encerrar a parte prática da minha pesquisa com muita satisfação.

Diário TCC - 8º encontro como grupo e 7º como oficina musical (23/10/2019)

Notas descritivas

No dia 23 de outubro nos encontramos na sala do quarto andar, laboratório de AVD, pois o laboratório de de ART estava ocupado pelas pessoas da reunião do Grupo Mente Aberta. Esse encontro foi programado para ser o último e então utilizamos ele para a aplicação final dos instrumentos avaliativos, para coleta de alguns dados que haviam faltado e apresentação do trabalho que foi construído ao longo dessas semanas de oficinas. Marcamos por volta das 15h00 mas fomos começar mesmo por volta das 15h45. Colocamos as músicas para tocar e para os idosos irem ensaiando enquanto eu chamava um por um para a aplicação do MEEM. Enquanto eu fazia as avaliações, uma das cuidadoras, esposa de Alberto, ficava fazendo companhia pro restante do grupo e auxiliando-os na cantoria. Para realizar o comparativo entre o primeiro MEEM aplicado e o último, havia só dois idosos, Srs. Alberto e Roberto, que foram os únicos que participaram da pesquisa do início ao fim. Porém, apliquei para fins de conhecimento o mesmo exame nos idosos que chegaram depois, Sra. Francisca e Sr. José. Esse momento de aplicação do instrumento avaliativo, durou cerca de 40 minutos. Após isso nos juntamos para realizar o lanchinho que dessa vez teve somente coisas salgadas e fez com que os idosos sentissem falta do bolinho de sempre. Nisso, colocamos mais algumas vezes as músicas e os idosos se colocaram a dançar, o casal Francisca e José e Alberto com sua esposa. Nesse momento Sr. Roberto ficou tocando o pandeiro ao invés de se juntar às danças. Dado isso, os outros cuidadores chegaram da reunião com o Mente Aberta e então entreguei uma entrevista para coletar dados mínimos a respeito dos idosos com demência que faltavam para a pesquisa. Assim eles se retiraram para responder e enquanto isso eu e os idosos pudemos treinar um pouquinho para a apresentação que viria. Ensaíamos e ainda assim houve certas

dificuldades de acompanhar a música “Detalhes”, algo que depois na apresentação foi percebido pelos cuidadores e se tornou um questionamento de como eles têm uma dificuldade em seguir o tempo da música, que estão sempre a frente da mesma. Então após o ensaio chamamos os cuidadores e os professores convidados para entrar na sala e acompanharem a apresentação. Começamos nos apresentando falando nome e idade, algo que mostrou que muitos tem uma certa deficiência cognitiva até mesmo para lembrar qual a própria idade. Em seguida, cantamos as 5 músicas na mesma ordem que aprendemos. De um modo geral, rendeu bastante risadas e aplausos, além de ter sido algo bem leve e convidativo para todos que estavam presentes. Terminando a apresentação, tomamos um segundo lanchinho, só que dessa vez com bolo, que a esposa de Alberto comprou na padaria próxima à Universidade. Conversamos e cantamos ao longo do lanchinho, afinal a caixinha de som seguia tocando algumas músicas “de época”. Sr. Roberto sempre com o pandeiro, mostrando que isso foi algo bem significativo pra ele que fora construído ao longo das oficinas. Já Sr. José não errava um trecho se quer das músicas, sabia todas de cabo a rabo. Por fim, nos despedimos por volta das 19h00, com um certo gosto de quero mais encontros assim. Além disso ficou até proposto uma continuação ano que vem assim que eu estiver formada para trabalhar com isso.

Notas intensivas

Eu estava relativamente ansiosa para esse dia, pois seria um dia de fechamento de um ciclo muito importante que foi construído nos últimos meses. Apesar dessa ansiedade senti que consegui focar bem e seguir meus planejamentos pro dia. Fiquei bem contente da esposa de Alberto ter me ajudado a segurar as pontas enquanto eu aplicava os instrumentos, fazendo exatamente o que eu queria, treinando as músicas com os idosos para reforçá-la na memória para a apresentação. Fiquei muito grata com a proposta de continuar com esse trabalho assim que eu me formar como uma fonte de renda profissional, afinal é muito a linha que eu gosto e fico feliz com o retorno de que a música tem sido muito positiva na vida deles. Achei bem bacana também ter instruído um dos idosos à um instrumento musical, que no caso foi Sr. Roberto com o pandeiro e vejo que isso será algo que

fará parte de sua vida, afinal seu filho disse que irá comprar um pandeiro para o idoso desfrutar. De um modo geral foi um encontro bem potente no qual conseguimos receber alguns retornos sobre como foi a pesquisa, conseguimos conversar e consegui ver que todos reunidos lá se sentiam participantes do grupo e essa relação de pertencimento para mim não tem preço. Espero que seja possível futuramente continuar com essa proposta como carreira profissional e que eu possa fundamentar essa prática no campo da terapia ocupacional, visto que existem pouquíssimas pesquisas a respeito da música como recurso em terapia ocupacional. Toda essa construção foi muito boa e importante para mim tanto pessoal quanto profissionalmente e espero poder levar esses ensinamentos comigo por toda a vida.